

2º Relatório de Jogo de Psiquiatria e Família Disfuncional de Ruca de Aleluia

Sala de Espera

São 20h25 e estou sentado na Sala de Espera da Urgência do Hospital de Santarém para a consulta de Psiquiatria para a minha mãe. Hoje dia 26/09/2022 é segunda-feira. Já tínhamos vindo na sexta-feira, mas na sexta-feira foi-me dito no guichet que não havia nenhuma psiquiatria no serviço de urgência e que a minha mãe só poderia ser vista por um médico de medicina interna e que caso o médico achasse que fosse algo muito urgente que poderia encaminhar para o Hospital de Santa Maria e que o serviço da ambulância seria gratuito e que eu poderia como filho acompanhar a minha mãe na ambulância. Pelo meu contacto próximo com a Medicina e sabendo que a minha mãe precisava era de ser vista e ouvida urgentemente por um psiquiatra, perguntei quando é que estaria um psiquiatra no serviço de urgência e foi-me dito que na segunda-feira em princípio já haveria um psiquiatra de serviço. Foi-me também dito que o serviço de urgência de psiquiatria em Santarém não funciona em pleno, que não funciona durante o fim de semana e que durante a semana há alguns dias que não funciona... Estranhei não haver um serviço contínuo de Psiquiatria no Hospital Distrital de Santarém em que os outros “grandes” hospitais ficam a mais ou menos 1 hora. Numa situação em que estamos a assistir a cada vez mais episódios psicóticos e crises do foro psicológico e psiquiátrico em que cada vez mais as pessoas “não estão a aguentar a vida em geral” e se apresentam muitas vezes descompensadas emocionalmente com uma grande descarga de emoções que não conseguem gerir interiormente, estranho a falha de um serviço de psiquiatria que funcione em pleno sem interrupções ou sem grandes interrupções.

Admiro a capacidade de paciência e compreensão da minha mãe. Não estou sentado ao lado dela na sala de espera. Estou sentado noutra lugar em que consigo ver todas as pessoas na sala de espera. Estou num corredor em frente à Sala do Raio X. A minha mãe está sentada na outra ponta da sala de espera, perto da sala de triagem. Foi preciso um Jogo de Cintura na Sala de Triagem para eu não ser expulso pela minha mãe, que às tantas, não percebia o porquê de eu estar a acompanhá-la ou o porquê de estar ali com ela. Tinha de estar ali, para poder passar informação de forma clara e precisa. A minha mãe não consegue passar a informação e perde-se muito facilmente no seu discurso. É capaz de “chamar tudo” ao seu discurso, mesmo em situação simples ou em comandos básicos e situações simples de vida. Na triagem a minha mãe sentou-se e eu fiquei em pé por não haver uma cadeira. Sabia que não podia estar em pé porque isso iria “enervar” a minha mãe e iria dar uma figura de “Polícia” ou de “autoritário”... Perguntei à enfermeira se poderia sentar-me no sofá pequeno que estava ao lado dela, mas a enfermeira disse que não e não havia nenhuma cadeira, pelo que tive de ficar em pé, prevendo o cenário que poderia ser complicado... O que estava combinado era eu acompanhar a minha mãe durante a consulta, mas a minha mãe “de repente” mudou de ideias e já queria que eu saísse para não estar a dar informações diferentes daquilo que a minha mãe estava a contar... Foi preciso uma Comunhão de Esforços e todo um Jogo de Cintura para conseguir que a minha mãe aceitasse a consulta de Psiquiatria. A minha mãe depois da sexta-feira sem sucesso, poderia ter mudado de ideias e não ter querido ver hoje. Com o tempo de espera de já de 4 horas (são 20h43) entrámos por volta das 17h a minha mãe poderia abandonar a ideia e ir-se embora. Mas não. Está ali a conversar com outras pessoas. Vejo-a com paciência. Trouxe as suas “coisinhas”, as suas revistas, livrinhos atrás para se entreter... Assisti na outra sala de espera à leitura da minha mãe ao prefácio do livro que ele trazia que demorou muito tempo e que parece que não conseguiu compreender a informação. Demorou mesmo muito tempo a ler o parágrafo simples e pequeno do prefácio. Vi como os olhos dela ao mexer durante a leitura pareciam de uma

1

pessoa com deficiência mental bem visível... A forma como os olhos mexiam... Parecia que conseguia ver o cérebro da minha mãe a pensar devagarinho... Lembrei-me do recente episódio da minha mãe em que demorou 4 horas a lavar a loiça, quando nós não temos quase loiça nenhuma... Também a cozinhar a minha mãe demora muito tempo... É capaz de levar a tarde toda para fazer o jantar... Molenga muito... Faz muitas coisas ao mesmo tempo... Distrai-se facilmente com a TV e com o rádio e é capaz de às vezes deixar “coisas importantes” como tarefas domésticas por fazer por causa da TV... Não cumpre os ciclos normais de sono por causa do Programa do Big Brother e das suas novelas e é capaz de se deitar às 6 da manhã por causa da TV pondo obviamente a sua saúde em risco, porque dorme pouco e não tem ciclos normais de sono, tendo uma atividade estranha durante a noite acordando, por exemplo, a mim e ao meu pai durante várias partes da noite, porque se mete a mexer em sacos de plástico, é capaz de se meter a arrumar coisas durante madrugada, fazendo barulho, mexe na loiça, faz barulho com as portas do armário, canta, faz conversas sozinha, obviamente prejudicando quem vive com ela... Não consegui passar muito bem esta informação à enfermeira na triagem, porque a minha mãe “bloqueou” o meu discurso dizendo que eu estava a falar por cima dela e que eu não tinha nada que estar ali... Raul Catulo Moraes

Quando chegámos à sala de triagem a enfermeira perguntou à minha mãe porque estava ali e eu não interfeiri e deixei a minha mãe obviamente falar. Foi notória e visível pelo discurso da minha mãe que obviamente precisava urgentemente de ser vista e ouvida por um psiquiatra. À resposta da enfermeira, o que a tinha trazido até à urgência, a minha começou, assim, a resposta:

«Olhe vim aqui porquê? Porque na altura do Passos Coelho percebe, que eu por acaso gosto muito dele, acho que teve os seus defeitos como todas as pessoas, mas até acho que teve um bom governo, mas tudo isto já vem desde o Passos Coelho e até escrevi cartinhas à médica de família só que ela não sei o que fez, que ela disse que estava a tratar das coisas todinhas, só que eu bem sei como as coisas demoram o seu tempo (...) o meu marido (...) a nossa casa (...) não gosto muito da nossa casa porque está com rachas e pode cair a qualquer momento (...) já pedi aqui ao meu filho que vai ser juiz já disse que nós temos direito a uma indemnização e eu já disse para ele ver as leis que ele estuda as leis para ele ver a lei da indemnização porque nós temos direito e ainda podemos ganhar o caso e ficar com a casa, mas ele agora que não pense que se ganhar o caso que ganhou sozinho, porque ele está a estudar para ser juiz mas é graças aqui aos pais, mas que pronto às vezes não pensa nos sacrifícios e nos esforços que nós estamos a fazer, porque só pensa é nos amigos e na mamã nada e eu vejo tudo a ir para ele e eu nada, o meu marido não me dá coisas por causa do meu filho, porque é tudo para ele, e está certo, porque os pais devem dar tudo aos seus filhos, mas não é também assim desta maneira, olhe a minha carta de condução que era para mim foi o meu filho que ficou com ela e não está certo, não é justo e são estas pequeninas coisas que eu acho que o meu filho podia melhorar porque isto tem sido muito difícil a nossa comunicação mas estou aqui porque eu tenho uma incapacidade... não ando... custa-me muito a andar... muito... eu é que sei como é que eu ando...»

Fiquei feliz por dentro do discurso “fora de série” da minha mãe, a minha mãe ter falado que tinha uma incapacidade e que portanto sabia que estava ali porque sabia que tinha uma incapacidade. No entanto, não sei se a minha mãe falou na “Incapacidade” pelo Jogo de Cintura que tive de fazer com a minha mãe, para conseguir trazê-la à consulta de Psiquiatria. Com o assunto do divórcio da minha mãe em cima da mesa, em querer assinar rapidamente os papeis, mas ou para continuar a viver em casa com o meu pai como se não estivessem divorciados

fazendo o mesmo tipo de vida que sempre fizeram ou para ir não sabe para onde, sendo a minha mãe completamente dependente porque não trabalha e tem uma doença do foro mental visível do tipo psiquiátrico apesar de não diagnosticado ou mal diagnosticado e tendo eu ouvido também uma das “estratégia de jogo” da minha mãe que era “nem que tivesse de dirigir ao Apoio À Vítima de Violência Doméstica”, dizendo que há 10 anos tinha sofrido de agressão do meu pai numa discussão dos dois, obviamente que me preocupa que as decisões da minha mãe possam colocar a minha mãe em perigo, numa situação de pobreza extrema ou numa situação com uma história confusa de uma espécie de “abandono”; porque consigo ver a minha mãe a agarrar nela e a ir à polícia a pedir a ajuda ou a bater às portas dos irmãos ou a dizer que vai conseguir um quatinho para ela com os 300€ que está à espera da pensão de alimentos do meu pai com o divórcio. Ora no nosso caso em concreto é uma situação que pede uma ajuda de fora urgente. É claro que a minha é livre e que ninguém a está a “prender”, mas o que se pretende é que a minha mãe faça decisões mais conscientes e com maior grau de equilíbrio e para tal tem de primeiro ser seguida e acompanhada em Psiquiatria.

A minha mãe não gostou das coisas que eu disse na sala de triagem, mas que eu tive de dizer rapidamente e a tentar que só fosse ouvido pela enfermeira, numa espécie de canal que eu tentava criar entre a minha boca e os ouvidos da enfermeira abafando-o da minha mãe, porque obviamente que lucidamente a conheço e sei mais ou menos que tive de frases ou palavras a minha mãe não é capaz de “tolerar” e de as interpretar sempre muito mal, ficando “agitada”, com um discurso agressivo e de “ataque” pronta para o conflito. Não houve conflito nenhum na triagem porque também já sou mais adulto e vou aperfeiçoando cada vez melhor a forma de comunicar com a minha mãe, recorrendo a uma extraordinária-empatia e a uma extraordinária-compreensão e aprendendo que devo deixar a minha mãe “dizer coisas” mesmo que não correspondam à verdade, mas deixando-a falar até ao final e só depois falar... Foi o que fiz na Triagem... Deixei primeiro a minha mãe falar e falei depois... Mas como eu estava a dizer coisas que a minha mãe não gostou a minha mãe disse que eu estava a falar por cima e vi que estava a começar a ficar mais enervada e tive de inteligentemente continua a passar a informação à enfermeira como se tivesse conseguido “criar” ou “instalar” num ar um canal invisível (uma internet invisível) por cima da conversa da minha mãe para a enfermeira conseguir colher o máximo de informações. Tive de dizer que a minha mãe está completamente descompensada em termos emocionais, está com dificuldade em fazer tarefas básicas, demorou recentemente 4 horas a lavar a loiça, é muito difícil eu poder comunicar com a minha mãe, é muito fácil à mínima coisa a minha mãe levantar-se e fechar-se no quarto a chorar e não me deixar depois entrar... Teve de ser muito rápido... Lembro-me que dei outras informações que não me lembro, mas que a enfermeira percebeu que a minha mãe já não estava a gostar e que estava “prestes a expulsar-me” e disse-me que já tinha as informações necessárias... Não consegui por exemplo dizer que a minha mãe dizia coisas que não correspondiam nem à realidade nem à verdade ou que tinha um discurso do tipo esquizitóide...

São 23h30, já estou em casa, interrompi o parágrafo anterior quando a minha mãe foi chamada. Foi na sala de triagem que a enfermeira disse que a minha mãe iria ser ouvida por um médico de medicina interna e não por um psiquiatra, porque não havia, outra vez, nenhum psiquiatria no serviço de urgência... Perguntei porque é que não havia dizendo que já tínhamos vindo na sexta-feira à urgência e que não havia psiquiatrias na sexta-feira, mas que tinha tido a informação na secretaria que na segunda-feira já haveria psiquiatrias e que por isso é que tínhamos voltado porque a minha mãe precisava de ser vista e ouvida por um psiquiatra. No corredor até ao gabinete do médico consegui combinar com a minha mãe que eu iria entrar com ela e que quando a minha mãe quisesse que eu saísse eu sairia, mas que eu teria de entrar

com ela para também poder falar na consulta, porque senão eu já sabia que a urgência de psiquiatria transformar-se-ia numa “urgência de dores musculares e dos ossos”... Criei logo de início empatia com a médica e fiquei mais ou menos seguro por ter mais ou menos a certeza de início que “a coisa ia correr bem”... No entanto, fiquei em algumas partes da consulta com receio que a consulta de urgência se tornasse naquilo que eu temia, na conversa da minha mãe só sobre as dores musculares e que “mal conseguia andar” e que estava a tomar o Magnésio e o Paracetamol, mas que nem sempre tinha dinheiro para os medicamentos porque o marido não lhe dava sempre o dinheiro para os medicamentos... Suspeitava que a minha mãe falasse que estivesse ali por causa da incapacidade dela e que precisava do “tal atestado ou relatório” para ir à Segurança Social para tratar do divórcio com o meu pai sem dar a verdadeira história clínica, transformando-se a urgência numa “mera consulta” que depois provavelmente arrastar-se-ia mais uma vez no tempo sem o rápida intervenção psiquiátrica... Só que o que é verdade é que a “tal intervenção” só pode ser feita com sucesso a partir da história clínica... Por outras palavras, sem palavras, ou seja, sem dados, nem a Psiquiatria nem a Psicologia funcionam. Elas só funcionam com a História Clínica. É preciso obviamente alguém de fora, lúcido, no seu perfeito estado de juízo normal poder dar a história clínica, a história verdadeira, para a Psiquiatria saber onde está o “Demónio da Doença” e poder atacar o “Demónio da Doença”... Para a Psiquiatria chegar à “Fita Negra”, alguém tem de contar os filmes todos da “Fita Negra”, porque sem esse alguém o doente psiquiátrico continua doente psiquiátrico sem ser para o Sistema um doente psiquiátrico não beneficiando, por isso, nem do Tratamento, nem do Seguimento, nem dos Apoios do Estado que existem para os doentes psiquiátricos através do Sistema da Segurança Social. E para tudo isto, é preciso um certo aceleração das coisas e para se poder acelerar, às vezes, é preciso ter sorte com os médicos; porque a verdade é que há médicos bons e menos bons. Para o estudo, correto tratamento e seguimento do grau complexo de doença da minha mãe é preciso termos a sorte de nos calhar na rifa um bom psiquiatra, se não temos dinheiro para nos dirigirmos ao privado e podermos escolher um psiquiatra. Desde pequeno, que era este o meu plano... Assim que tivesse “dinheiro a sério” pegar na minha mãe e levá-la “à oficina” para arranjar “as peças” que tinham de ser “arranjadas”... Porque desde pequeno que vi “três mães”... Uma mãe normal, uma mãe super teatral e uma mãe doente (que às vezes eu ficava confuso se parte da doença tinha ou não um teatro ou se uma parte da doença fazia parte de um teatro, da minha mãe)... Na mãe doente conseguia ver uma “cahopa” dentro de um corpo adulto... Daí a nossa relação de mãe e filho ter sido sempre mais uma relação de irmãos... É normal que se me falta a tal “mãe adulta”, apesar de ter tido todo o amor de mãe e depois também me falta um pai “amoroso” que é muito duro, ou foi muito duro, sempre a falar no “regime de sobrevivência”, sempre com uma linguagem e com um código de guerra nas mãos que numa altura depois da minha vida irá obviamente faltar essa parte “dos pais”... Mas que vejo que pode ser possível compensá-la com um grupo de amigos saudável, com uma relação amorosa equilibrada e de 100% confiança, com a visita regular a casa de familiares onde o conceito de família exista na forma funcional... Enfim, são várias as compensações que um Ser pode ter a Sorte de complementar ou completar as lacunas... Mas pode ser difícil... Será Sorte...

A médica perguntou a minha mãe o que é que a tinha levado a dirigir-se à urgência e a minha mãe disse que andava com dores, falou da recente questão do internamento do meu pai, falou da questão do divórcio “de amigos”, falou da medicação que estava a tomar, disse que tinha tido um “probleminho” do foro psicológico mas que tinha sido só uma “depressõzita” e que já tinha sido há muito tempo, mas que ainda devia aparecer no sistema informático, mas que entretanto foi seguida, só que o se estava a passar era que já tinha pedido há muito tempo à médica de família o atestado de incapacidade para ela ir à Segurança Social, só que a médica

de família tinha dito que ela era muito nova e que ainda tinha poucos descontos e que desde então, há mais de não sei quantos anos que continuava à espera...

Foi então quando pude ter a palavra e vi mesmo que tinha de pedir a palavra, porque senão, só com a história da minha mãe, a médica iria só pedir para fazer análises e ver o que se passava em relação aos músculos e ossos... Pedi a palavra...

«Olá, boa noite doutora. O meu nome é Raul. Eu combinei com a minha mãe que assim que ela me pedisse para eu sair ou se a minha mãe me quisesse interromper e pedir para eu sair da consulta que eu sairia. Fui eu que trouxe a minha mãe à urgência para que fosse vista e ouvida pela Psiquiatria. Pedi consulta de Psiquiatria à médica de família, mas como estava a demorar decidimos vir à urgência. A minha mãe está completamente descompensada emocionalmente, a nossa comunicação é super difícil, é muito fácil a minha mãe abandonar a conversa zangada e fechar-se no quarto a chorar, noto que está cada vez mais a perder noção do espaço e da realidade e tem dificuldade na operação de comandos básicos incluindo tarefas domésticas em que demora muito tempo a executar, recentemente foram 4 horas para lavar a loiça; a minha falou do divórcio, a minha mãe é completamente dependente e não trabalha, disse-me que depois assinar os papéis de divórcio tinha a ideia de ir bater à porta do Apoio à Vítima de Violência Doméstica, porque está agarrada a uma história de há dez anos em que numa discussão com o meu pai diz que foi agredida e que por isso sofreu de violência doméstica...»

A médica fez-me sinal e foi medir a tensão da minha mãe, dizendo que já conversaríamos os dois, propondo logo de início que a minha mãe ficasse em Observação e passasse, por isso, a noite para fazer análises ao sangue, fazer uma TAC, para despistarmos causas orgânicas diferentes da Psiquiatria, para depois de manhã, logo às 8h30 a minha mãe ser vista e ouvida por um Psiquiatra em Entrevista, em que eu também podia e devia participar. Vi por isso uma verdade Medicina Interna a funcionar como deve de ser em comunicação com uma Psiquiatria e vi por isso como no caso em concreto, “não fazia mal” não haver no dia o serviço de Psiquiatria, desde que, houvesse uma Boa Medicina Interna... Vi até que, seria melhor assim o Percurso e até “Mais Célere”, porque, neste caso em concreto da minha mãe, seria melhor fazerem-se as análises, a tal TAC para “descartarmos” algum tumor ou aneurisma e possíveis sinais de AVC para depois de feito o despiste de “Causas Orgânicas” centrarmo-nos e focarmos-nos então na Doença Psiquiátrica... Por outras palavras, gostei mais assim e achei que até fizesse mais sentido, acabando por ver o sentido de primeiro intervir uma Medicina Interna e depois uma Psiquiatria e por isso, “ainda bem”, que no caso em concreto não havia na altura o Serviço de Psiquiatria... Não sei se faz sentido a forma como estou a escrever... Não sou médico... E talvez para um médico o que estou a escrever não faça absolutamente sentido nenhum... Como é lógico que faz falta um Serviço de Psiquiatria contínuo... Não o deixo de defender... Mas o que estou agora a defender, de forma nova, pela Experiência Real das Coisas, é que “não fez mal” não haver um Serviço de Psiquiatria no imediato, porque no imediato havia um Bom Serviço de Medicina Interna que conseguia “substituir” (com muitas aspas), ou melhor, conseguia ir fazendo aquilo que tinha de ser feito até chegar a Psiquiatria... Ora, porque se calhar, quando a Psiquiatria chega, a Psiquiatria tem de se sentar e ver já algum trabalho feito, para não ter de se preocupar em estar a mandar fazer análises, TAC’s, etc... Chega, senta-se e já tem os dados prontos para começar a trabalhar... 00h34 27/09/2022 Raul Catulo Moraes

A médica disse que ia só despachar a minha mãe para ficar encaminhada e que já falávamos...

Depois de mostrar as fotografias que incluí no 1º Relatório de Lixo e Psiquiatria em que falei do problema de acumulação de lixo da minha mãe e que mostrei como ficava no espaço de poucas horas a cabeceira do quarto da minha mãe ou a mesa de centro da sala cheia de lixo e comida, em que consegui mostrar a cómoda e consegui mostrar a fotografia em que se vê literalmente lixo e bocados de pão de há dias no chão em que a minha mãe olha para o lixo de comida no chão e diz que “é a comidinha dela e é o armazém dela” e falei dos sacos de plásticos todos debaixo que a minha mãe tinha por baixo da cama, foi quando de facto senti-me “normal” no meio da conversa por ver como consegui criar uma espécie de “Movimento” e “aceleramento” no processo por parte da médica que viu a “urgência” que o caso merecia e que obviamente estávamos perante uma doença psiquiátrica... Disse que vivíamos numa casa arrendada e que a minha mãe era conflituosa ao ponto de poder colocar a nossa situação de sobrevivência em perigo ao, por exemplo, ser capaz de no café ao pé da nossa casa pôr-se conversas depreciativas e intrigas sobre os nossos senhorios, ou sobre mim ou sobre a família em geral... Que a minha mãe pegava por “pequenas coisas” e podia ganhar uma aversão sobre essa pessoa... A médica perguntou-me se a minha mãe manipulava as conversas para ela e eu tive alguma dúvida em responder, porque disse que se o fazia seria na forma inocente, talvez pela doença... Mas não acabei por responder que sim, quando a médica me disse que o que me estava a perguntar era se a minha mãe tinha a capacidade de fazer a conversa para ela, ou seja a favor dela, mesmo que fosse “inocentemente” “por causa da doença”... Disse que as nossas discussões eram sobretudo por causa da lixo e por causa do ruído que a minha mãe gerava, que a minha mãe não estava a conseguir cumprir ciclos normais de sono e que madrugava durante a noite fazendo barulhos e que depois dormia pouco... Disse que até recentemente tinha conseguido combinar com a minha mãe para a minha mãe começar a cumprir os ciclos de sono e a deitar-se com o meu pai na cama e não a ficar na sala a dormir a ver os seus programas e telenovelas e disse que a minha mãe até estava mais ou menos colaborante, como também na remoção dos lixos, só que a colaboração era temporária e que eu via que com a minha psicologia amadora de família conseguia mais ou menos ter a minha mãe comigo, mas que sem uma Psiquiatria era impossível de continuar “o trabalho” e o “acompanhamento”... Disse que a minha mãe não conseguia identificar nem o Sarcasmo nem a Ironia que era muito difícil a minha mãe perceber ou aderir a brincadeiras e que tínhamos por isso sempre de ter muito cuidado com o que falávamos e a forma como falávamos... Confesso que quando mais me sinto também ajudado mais volto a aproximar-me da minha mãe... Com o facto de estar a relatar o que estava a relatar a um médico e sentir-me cada vez mais perto da ajuda, eu só queria abraçar a minha mãe e via a esperança de voltar a ver “aquela mãe” que eu me lembrava de ver com um discurso mais normal, com uma conversa melhor, mais equilibrada... Tive de dizer à médica que isto era um problema de sempre, mas que foi um problema sempre “abafado” e escondido pela própria família e que muito sinceramente o que a própria família me “fazia ver e sentir” era que tudo não passava de um “problemazinho psicológico” em que tínhamos todos de ter “calma” e mais “empatia e tal” e compreendermos um bocadinho mais um mundo da Lígia... Sempre houve um “travão” ou um “querer travar das coisas” talvez, não sei, porque ao trazer-se o Demónio Doença para fora iria trazer-se “coisas para fora”... Não sei... Talvez... A minha mãe até pode precisar de um Psicólogo, mas preciso primeiro é de um Psiquiatra... A minha mãe nunca foi medicada como deve de ser... Aparece só no Sistema Informático uma “Depressão” e uma “Bipolaridade”... Mas há algo antes de tudo isto e Central... A Bipolaridade é secundário, não é a Principal Doença da Razão... A Razão é visível... O transtorno e distúrbio da personalidade é visível e aparece primeiro que a bipolaridade... É mais fácil ver a “Esquizitóide” do que a Bipolaridade... Aparece primeiro a Esquizitóide do que a Bipolaridade... A depressão de facto parece “crónica”, a minha mãe tem um ar triste, uma cara tipicamente triste ou “zangada”...

Talvez, suspeito, que com um tratamento psiquiátrico adequado a depressão poderia “desaparecer” e chegarmos à conclusão que afinal não era bem crónica ou parecia que era crónica para uma psicologia amadora, mas que uma psiquiatria sofisticada conseguiu tratar...

Consegui dizer à médica que a minha mãe não conseguia ter uma conversa dita normal ao iniciar a conversa, porque iniciava ou pelo fim ou pelo meio e era frequente descontextualizar a conversa ou “estragar” uma conversa que estava a ser saudável e com um certo seguimento, dando-lhe outro seguimento completamente diferente fora do contexto. Desviava de forma frequente em conversas muito simples... No final acrescentei que me tinha esquecido da informação mais básica e importante... Que a minha mãe estava sempre a falar sozinha e que criava grandes histórias e grandes diálogos... Que madrugada era também capaz de se pôr “a conversar” com os cães e os gatos do nosso jardim em “grandes conversas”... A médica perguntou-me se a minha mãe alucinava ficando eu também à espera que me perguntasse se a minha mãe ouvia ou não vozes para o despiste de esquizofrenia, mas eu disse que não sabia e que não conseguia mesmo responder a essa questão, mas que quando nós chamávamos “a atenção” à minha mãe por ela estar a falar sozinha numa grande conversa que ela se desculpa dizendo que estava “a falar connosco” quando não estava, ou que estava a falar para os botões dela em desabafo ou que estava a pensar alto... Falei na questão da minha suspeita em relação a demência pela falta de memória cada vez mais acentuada que eu verificava na minha mãe e na perda das capacidades cognitivas, como se a minha mãe fosse “mais velhinha” do que era, não só pela imagem que apresentava como pelo comportamento e forma de operar e falar...

A médica ficou com o meu número de telefone, apresentou-se com o seu nome, dizendo que estava de banco e que iria sair por volta das 9 da manhã sugerindo que eu chegasse por volta das 8h30 da manhã, que era a hora que os psiquiatras entravam e que provavelmente já me poderia chamar, que ela deixaria a indicação no Processo para que chamassem o filho para eu participar na Entrevista de Psiquiatria e que seria obviamente muito importante, porque senão a Psiquiatria só iria ficar com a Versão da História que a minha mãe levasse à consulta. Despedi-me da minha mãe e vi como ela estava colaborante, dizendo-lhe que de manhã estaria lá e que mais para a noite eu telefonar-lhe-ia. 01h29 27/09/2022 Raul Catulo Moraes

Ao sair do hospital senti que de certa forma ia voltar a ter “outra vez” a minha mãe, que há muito a tinha perdido. Olhei para o céu e vi como tinha Jupiter a brilhar e “conseguiu sentir” a força gravítica da Lua e da Ursa Maior sobre o meu cérebro “extraterrestre” que me levava a viajar para todas as noites em que eu passeava com a minha mãe. Lembrei-me que a minha mãe não conseguia ver as estrelas como eu vi, apesar de ela me ter posto a olhar para as estrelas desde pequenino... Lembrei-me como o meu pai me tinha posto a olhar para a paisagem, apesar de ele não ver a paisagem como eu a vejo e a sinto e a “consigo tocar” com os meus olhos e o meu espírito... Lembrei-me como o DK me tinha posto a olhar para as nuvens e para os aviões, de dia e de noite, apesar de ele não ver as estrelas e não ver as naves espaciais como eu vejo... Senti a Mão Invisível deles os três simplesmente a pegarem-me na cabeça e a direcioná-la. Mas as coisas como eu as vi sempre foi com os meus olhos. Eu é que lhes emprestei os meus olhos. Lembrei-me como pequenino todos os dias ouvia nos passeios noturnos com a minha mãe os desabafos depressivos da minha mãe como um bom ouvinte e como fazia o papel de Ombro Amigo em que a minha mãe por falar comigo e depositar em todas as suas emoções e tristeza ficava melhor... Lembrei-me de tudo isto. Lembrei-me como eu amava a minha mãe. Consigo precisar a “quebra” do nosso laço, porque consigo voltar atrás e ver a nossa “zaragata de irmãos”... Sei perfeitamente quando comecei a ganhar “escudos” nos ouvidos em mecanismo de defesa para a Fita Negra da minha mãe. Senti o escudo dos meus ouvidos a desaparecer...

09h22 27/09/2022 Sala de Espera

TAC está tudo bem não há sinais de AVC;

Análises em geral está tudo bem, à exceção do açúcar que o normal é 180 e a minha mãe estava com 320; a confirmar com o Médico de Família se é diabetes ou não. Há histórico familiar de diabetes, a avó teve diabetes.

10h22 27/09/2022 Sala de Espera

A Psiquiatra Núria pôs-me no corredor da Sala de Espera como “Segurança Vigilante” na Sala de Espera, para caso a mãe decida fugir eu impedir... Fiquei com o papel de Segurança e Vigilante. A mãe vai ficar internada uns dias... Aceitou ficar... Não aceitou logo... Mas a Psiquiatra disse que se a mãe não aceitasse que teria de comunicar ao juiz e assim o internamento poderia ser mais longo... Quando a mãe ouviu falar no juiz disse que então aceitava... Por outras palavras, a mãe não tinha como “não aceitar”... Ora, vejo por isso que os Direitos da Psiquiatria estão bons e bastantes até aqui para a Psiquiatria não se tornar numa Psiquiatria de Maquiavel. É importante percebermos que a Medicina e sobretudo a Psiquiatria se tiverem um “elevado grau de Poder” podem tornar-se “monstros”. É por isso que dou os direitos à psiquiatria que ele merece ter, o poder e liberdade que ela merece ter, por confiar nela, mas olho para a Psiquiatria e consigo ver um “mini parlamento”, uma “mini câmara municipal”, um ente “administrativo forte”... É fácil mudar o Espírito da Psiquiatria... Se tivermos maus psiquiatras, psiquiatras sociopatas ou psicopatas ou adoradores da Psicologia e Psiquiatria de Maquiavel em 6 meses a Psiquiatria pode tornar-se no nosso “pior pesadelo” na tal Psiquiatria de Maquiavel Autoritária que ganha poderes de tutela e superintendência em que à mínima coisa ou à mínima depressão poderia “pôr-se a mandar internar” ou a “chipar” para curar depressões profundas num gozo e prazer de navegar pelas redes neuronais do nosso cérebro aprendendo mais sobre elas numa Posição Confortável e Privilegiada com o Comando na Mão... Seria por mim chamada a Psiquiatria Doente Mental, Psiquiatria Demente, Psiquiatria Degenerada. A Psiquiatria tal como a Psicologia são duas ciências das mais importantes que temos no nosso Sistema e que devem obviamente estar sentadas em sítios privilegiados do nosso Sistema, incluindo no Tribunal Constitucional e no Parlamento para mandar internar formações políticas esquizofrénicas, bipolares, sociopatas e psicopatas... Na Saúde vejo como uma das mais importantes... Consegui ver com os meus próprios olhos a Psiquiatria a funcionar como deve de ser no papel de uma médica psiquiatra excelente, com imensa empatia, com imensa profissionalidade, com imensa serenidade. Consegui ver uma Boa Psiquiatria sem aqueles “olhos psiquiátricos”... Vi uma Psiquiatria com uma imensa Psicologia por detrás. Não vi uma Psiquiatria fria. Vi uma Psicologia calorosa, vi uma Psicologia por detrás da Psiquiatria. 10h39 Raul Catulo Moraes

8

Consulta de Psiquiatria

Enquanto estava na Sala de Espera à espera de ser chamado para entrar na Consulta de Psiquiatria para a Entrevista, apareceu a minha mãe com a médica psiquiatra que se apresentou e disse que ia primeiro conversar com a minha mãe e que depois já me chamava... Quando me convidou a entrar senti que a médica já tinha conseguido recolher uma grande informação do Estado Clínico da minha mãe só pela conversa à porta fechada com a minha mãe, porque a doença e euforia da minha mãe são visíveis em 2, 3 minutos de conversa...

«Então, Dona Lígia, vamos deixar agora o seu filho falar, pode ser? Há quanto tempo é que a sua mãe está assim, com toda esta “energia”?»

«Há muito tempo, doutora... Para ser franco, desde sempre... Mas sempre houve um silenciar das coisas, sempre houve aquela conversa de que “tudo isto” fazia parte do “feitio especial” da mãe... Recentemente eu vejo que a situação piorou...»

«Mais ou menos há quanto tempo é que sentiu as coisas a ficarem piores?»

«Talvez 1 ano...»

Conseguí passar os dados todos que queria... Vi um bonito triângulo invisível entre nós, porque a consulta teve os meus risos de forma a “mediar” as coisas e a “passar uma mensagem importante para a médica” com as intervenções “zangadas” ou “chateadas” da minha mãe em “algumas coisinhas” que não estava a gostar de me ouvir e que a minha mãe falava logo por cima defendendo-se, mas que a médica também mediava o “confito” dizendo que era a minha vez de falar e que ela tinha mesmo de me ouvir... Foi tranquilo... Foi muito tranquilo graças à excelente Escola de Psicologia da médica psiquiatra e da Extraordinária Empatia da médica... A minha mãe defendeu o “penico” dela quando eu mostrei a fotografia do penico, defendeu-se dos seus “lixinhos” e das suas coisinhas, defendeu-se do facto de estar sempre a falar dizendo que tinha de desabafar, defendeu-se dos seus “programazinhos” e telenovelas de madrugada dizendo que todas as pessoas também viam até tarde os seus programas, defendeu-se dos seus ciclos de sono dizendo que simplesmente tinha os ciclos de sono diferentes dos meus... Enfim, foi-se defendendo... Mas foi engraçado... Ficou uma consulta, apesar de séria, engraçada... Apesar de ser uma consulta muito importante, a consulta foi “tranquila”, compreensiva para as 3 partes e uma Grande Aprendizagem para as 3 partes... Mostrei as fotografias da acumulação de lixo, defendendo-se a minha mãe dizendo que era o pãozinho dela, com o pão no chão de há dias num desastroso lixo debaixo da cama... Vi como a médica soube levar a minha mãe, fazendo o discurso compreensivo para a minha mãe para não imprimir o “estado negativo” e não passá-lo na mensagem... Por outras palavras, repetindo às vezes as palavras da mãe, levantando-me as sobrancelhas com um meigo sorriso como se me estivesse a piscar o olho sem piscar...

A médica perguntou o que é que a minha mãe achava de ficar uns dias com ela, para ficar a descansar, em repouso e para ver o que se passava... A minha mãe hesitou, mas depois disse que não porque tinha coisas para fazer em casa...E que não queria ficar internada... A médica respondeu que assim sendo, teria de comunicar com o juiz, porque a minha mãe tinha mesmo de ficar internada uns dias por causa do “excesso de energia”, porque a minha mãe estava a falar de forma ininterrupta, estava completamente desorientada e desorganizada, que reparou só a andar um bocadinho com a minha mãe no corredor a desorientação da minha mãe e que a médica teria comunicar ao juiz, caso a minha mãe recusasse ficar... A médica com um tom super meigo e calmo disse que seria melhor que ficasse só “ali entre nós”, só ali com a Psiquiatria e que em dias resolveríamos a situação para a minha ficar mais equilibrada e estável “emocionalmente”... A minha mãe lá concordou, mas “levantou a mão” dizendo que se houvesse alguma coisa que ela não gostasse ela responderia... No meio disto eu comecei-me a rir... Não estava nada à espera de ver a minha mãe a “ameaçar” o serviço de Psiquiatria com a mão esticada pronta “para bater”... Foi estanho e achei a cena meio teatral... Comecei-me a rir e vi a minha mãe também a deixar fugir um sorrisinho no meio do “teatro psiquiátrico”...

Depois de ter aceite a minha mãe “virou-se” contra mim e disse que “estava a perceber as minhas jogadas todas” que eu tinha “preparado tudo”, porque “ela não estava à espera disto, porque o que eu tinha falado era só numa consulta e não em ficar lá internada”... Começou a

dizer à médica que eu também tinha “as minhas coisinhas” e os meus defeitos e que não era muito bonzinho às vezes para a mãe e que estava a fazer “tudo isto” pelo meu próprio interesse, porque eu era “um bocadinho egoísta” às vezes e “nem sempre pensava na mão”... A médica defendeu-me dizendo que eu gostava muito da minha mãe e que só estava preocupado e que só queria era ver a minha mãe bem e que tinha feito muito bem em ter trazido a mãe à consulta...

[6[Prevendo o primeiro diagnóstico da médica psiquiatra de transtorno afetivo bipolar na fase maníaca “cheia de energia” da minha mãe, às 3 perguntas importantes, respondi que, apesar das ideias descoordenadas e de fala compulsiva e de humor eufórico, a minha mãe não tinha gastos descontrolados de dinheiros, não tinha delírios nem alucinações (apesar de inventar histórias, descontextualizar e “manipular” as conversas para ela), não tinha agitação psicomotora, não tinha uma autoestima elevada e apesar de em silêncio eu verificar um aumento da libido a minha mãe não se despia “lá fora”, sabendo que estaria com as minhas respostas a comprometer o possível primeiro diagnóstico que eu previa que fosse mais imediato um psiquiatra numa primeira entrevista chegar...]6]

A minha mãe falou do divórcio amigável que queria fazer com o meu pai e a médica perguntou-me como era a relação dos pais e a relação familiar e eu disse que classificava a nossa família como uma família disfuncional perguntando a médica se era o tipo de família em que vivíamos juntos na mesma casa, mas que era cada um para o seu lado e não comunicávamos e eu disse que sim e médica fez-me um fixe e piscou-me um olho como se tivesse captado a informação e que era suficiente e que eu já não precisava de dizer mais nada... Por causa da questão do divórcio, a minha mãe disse que eu não estava a deixá-la assinar os papéis e que estava a prender a minha mãe para os meus próprios interesses e eu expliquei rapidamente à médica a minha “estratégia de jogo”, que o que eu pretendia era que aparecesse no sistema informático a incapacidade da mãe, para a mãe estar mais à vontade para assinar o que quer que fosse para não estar sem apoios da Segurança Social quando obviamente merecia um apoio... A médica concordou logo comigo e percebeu a minha “estratégia” de filho preocupado em tentar pelo menos deixar as coisas feitas e resolvidas para a mãe poder ter mais liberdade e obviamente maior lucidez nas decisões para fazer decisões mais acertadas não se colocando em perigo ou numa situação pior, dizendo a médica para a minha mãe que “agora” não era altura de pensar no divórcio, porque agora ia descansar uns diazinhos e depois então, do tratamento teria todo o tempo para pensar depois nisto... Senti-me conectado a uma pessoa inteligente que percebe o que eu estou a tentar fazer para o bem da minha mãe... Foi um pequenino bálsamo e uma pequenina força... Despedi-me da minha mãe prometendo-lhe obviamente visitar todos os dias de visita deixando-lhe com um Até Já.

À saída a médica “pôs-me” de vigia sentado no corredor só uns minutinhos enquanto a minha mãe não subia para cima, “não fosse ela pegar no seu pé e sair sem ninguém ver”... Disse-me que a minha entrevista tinha sido muito importante e agradeceu-me por ter vindo, dizendo-me que antes da minha entrevista, só pela entrevista com a minha mãe ela já tinha decidido que a minha mãe deveria ficar internada e que a minha entrevista tinha sido muito útil porque só foi corroborar o prognóstico dela. Agradei-lhe francamente por tudo. Saí do hospital com um espírito novo. Saí leve. Foi como se o meu maior peso de todos e de toda uma vida tivesse saído de uma vez por todas. Era como se eu tivesse nascido com esta missão. Lembrei-me outra vez do meu Jogo de Tentativas em enviar SOS’s à Psicologia e à Psiquiatria por causa da minha mãe e como os meus SOS’s sempre foram silenciados... Senti-me como nunca me tinha sentido: leve. Consegui saborear a verdadeira leveza do espírito e lembrei-me das palavras da médica que me disse à despedida “proveite para descansar, Raul”. FIM do Relatório 14h44 27/09/2022 Raul

[6[6[6 Filme Invisível 6]6]6]

Enquanto estava na Sala de Espera passou um médico moreno com o espírito do DK, com o andar do DK que olhou para mim como se me conhecesse e como se fosse o DK apaixonado... Nas costas do pescoço tinha uma tatuagem com o número 1999, uma caveira tatuada no antebraço esquerdo e uma serpente tatuada no antebraço direito. Logo a seguir levantaram-se os senhores que estavam ao meu lado para entrar na sala de Radiologia. O acompanhante disse para o radiologista que tinha tatuado um 66 que ele ia entrar como acompanhante, porque o senhor tinha 66% de incapacidade. Saiu uma médica da sala de Acesso Reservado ao lado da radiologia “igual” à mãe do DK que olhou para mim com um grande ar altivo e passou esquinando depois o corredor com os risos iguais aos risos da mãe do DK ao se cruzar com uma médica “igual” à irmã do DK que passou por mim normalmente sem me conhecer... Logo a seguir passou o segurança “igual” ao pai do DK, a fazer as mesmas piadas e a rir-se ao longo do corredor... Voltou a passar o “DK” que parou à minha frente e perguntou-me se eu era o Raul... Eu disse que sim e ele perguntou-me porque é que eu não estava numa maca... Eu disse que estava só à acompanhar a minha mãe à consulta de psiquiatria... Vi o Diego confuso e a perguntar se eu não tinha dado entrada no serviço de urgência por me ter tentado suicidar com o fim da minha relação amorosa... Disse que não, disse que não era e vi um Raul “igual” ao mim completamente psicótico, com os olhos completamente saídos de fora num ar completamente maluco preso à maca pelos seguranças a gritar no meio do corredor... O Diego riu-se e disse que o Raul devia ser o que estava a chegar na maca... Fiquei frente a frente com o Raul e o Raul disse que eu e o Diego éramos o Diabo e que na outra vida tínhamos morrido na Praça de Toiros. Eu e o Diego olhámos um para o outro e começámos a rir-nos... Apareceu um médico colega do Diego e o Raul disse para nós não deixarmos o colega dele meter-se entre nós porque senão iríamos casar no inferno com a Trindade no meio dos esqueletos das cabras... Entrou a Noémia, a cabra do Pastor Augusto que em Mata-Lobos me lambeu a orelha no Filme Maçónico Invisível. A cabra veio direito a mim e lambeu-me a orelha. Apareceu o coveiro que me levou à Cabeça de Touro para levar a cabra, na personagem de pastor... Ficou só o cheiro a bode no filme, mas o filme desapareceu em segundos... Todas as personagens do filme desapareceram em segundos.

15h15 27/09/2022

Raul Catulo Morais With All Reserved Rights With Jupiter Editions

www.jupitereditions.com



Anexo [6[6[Parte II Filme Invisível]6]6] Aberto às 12h12 TESTE

§ Quando saíste com a tua mãe para o hospital, a tua mãe perguntou entrou no teu quarto com o livro *Life of Pi* de Yann Martel na mão a perguntar se podia levar O Algoritmo do Amor que tinhas à cabeceira por cima do *Mafia Life*... Com medo que a tua mãe perdesse O Algoritmo do Amor na Psiquiatria, disseste “a medos” de modo meigo que a tua mãe já levava o *Life of Pi* e que não era preciso a tua mãe levar O Algoritmo do Amor... Mas a tua mãe insistiu e começou a ficar zangada por “não confiares nela”... “Quase que ameaçou” que assim “era capaz de não ir à consulta, porque segunda-feira não era um dia bom e que quartas-feiras e quintas-feiras é que eram dias bons”... Viste como as crenças e superstições da tua mãe poderia comprometer todo o Programa e lá lhe entregaste O Algoritmo do Amor para matares as superstições da tua mãe e irem à consulta... Pediste, por favor, para que a tua mãe não perdesse O Algoritmo do Amor na Psiquiatria e imploraste para que tivesse cuidado com as nódoas quando tivesse a comer, por já ter deixado umas quantas nódoas na capa d’O Algoritmo do Amor... Depois da consulta na Medicina Interna com a Dr^a Mafalda, em que foi proposto à tua mãe passar a noite em Observação no serviço de Medicina Interna, tentaste ficar com O Algoritmo do Amor, mas a tua mãe disse que não, disse que queria ficar com O Algoritmo do Amor, se não ela não passava a noite no hospital... Pediste-lhe só que, por favor, tivesse cuidado com o livro e despediste-te dela dizendo que de manhã estarias lá por voltas das 8h30 que era quando entravam os psiquiatras no serviço... Agradeceste à Dr^a Mafalda e a Dr^a Mafalda disse que ia ficar de banco até às 9h e que quando chegasses poderias pedir na secretaria para entrares para falares com ela antes da consulta de psiquiatria... Já de manhã a caminho do gabinete da Dr^a Mafalda nos corredores pareceu-te ouvir a tua mãe a chamar por ti, mas continuaste porque olhaste para trás e viste macas no corredor e não achaste possível que a tua mãe tivesse passado a noite numa maca num corredor como nos corredores do “Hospital Militar” do Processo nº666 (Hospital de Faro). Estavas à espera de ver a tua mãe numa maca dentro do serviço de Medicina Interna e não fora nos corredores... A Dr^a Mafalda mostrou-te os valores da tua mãe e disse-te que só o açúcar é que estava preocupante e que o Médico de Família tinha de depois confirmar eventual diabetes. A Dr^a Mafalda indicou depois onde estava a tua mãe para poderes ir vê-la. «Então meu filho, a mãe chamou-te... Passaste pela mãe e não ligaste nenhuma...»; «Pois eu ouvi de facto a chamar “filho” e parecia mesmo a voz da mãe, mas olhei para trás e só vi as macas e não vi a mãe...»; «Pois, foi a mãe que te chamou...»; «Mas a mãe passou aqui a noite?»; «Sim, meu filho...»; «Consegui dormir?»; «Consegui mais ou menos, filho... Estou é cheio de fome...»; «Está com fome? Mas não comeu? Não serviram comida à mãe?»; «Só deram chá e um pacotinho de bolachas...»; «Não serviram jantar?»; «Nada, filhinho...»; «E pequeno-almoço?»; «Nada, filhinho...»; «O que é que a mãe quer comer?»; «Olha, filhinho a mãe queria que tu trouxesses uma sanduíche com fiambre que a mãe está cheio de fominha... E queria que tu trouxesses um pacotinho de leite com chocolate que está mesmo a apetecer à mãezinha que a mãezinha está farta daqueles teus leites vegan de soja, de amêndoa, de arroz... Está farta, filho... Desculpa lá a mãezinha dizer-te isto aqui assim, mas mais vale ser sincera contigo... Traz lá leite de Pasteur com chocolate, que a mamã teve a noite toda a pensar no Pasteur...»; «Tudo bem, mãe... O Algoritmo do Amor...»; «Nem sei o que te diga, meu filho... A mãezinha não sabe onde está o livro... Perdeu O Algoritmo do Amor...»; «Ó Mãe, a sério?»; «Não chores, filho... Coisas acontecem e nada acontece por acaso...»; «Ó mãe, a sério? A sério que me está a dizer isso?»; «A sério filho... As coisas não acontecem por acaso... Isto foi algum médico de certeza absoluta que roubou O Algoritmo do Amor... De certeza absoluta, filho... Ou um enfermeiro... Ou até se calhar foi mesmo a Dr^a Mafalda... Cuidado com ela... Não gostei dela... Então... Pôs-me aqui em Observação sem comer nadinha sem nada...»;

«Mãe, o serviço de catering no hospital não é da responsabilidade dos médicos... Aposto que a Dr^a Mafalda também deve ter feito o banco completamente cansada e esfomeada...»; «Tu tás a defender a Dr^a Mafalda?? Tás do lado da Dr^a Mafalda ou do lado da mãe?»; «Ó mãe, isto não há lados... Isto estamos todos no mesmo lado, ok? Pronto, menos Um Algoritmo do Amor... Eu vou então comprar a comida para a mãe...»; «Meu filho, não te preocupes que mais tarde ou mais cedo há de parecer aí O Outro Algoritmo do Amor... A vida é mesmo assim, filho... Não te preocupes... Não te preocupes que não foi só O Algoritmo do Amor que roubaram à mãezinha... Roubaram também o Life of Pie...»; «Ó, mãe... A sério... Eu nem digo nada...»; «Não digas... É melhor ficares caladinho, filho... Às vezes nós ganhamos mais é quando ficamos caladinhos...»; «Sim, mãe já sei...»

Depois do Filme Invisível na Sala de Espera da cabra Noémia em que só ficou o cheiro a bode, a Dr^a Núria perguntou-te se sabias que livros é que a tua mãe tinha trazido e que ela dizia que tinha perdido... Disseste que a tua mãe tinha trazido **O Algoritmo do Amor** de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala e o Life of Pie de Yann Martel. A Dr^a Núria disse que já tinha lido o Life of Pie, mas que tinha lido em Inglês e tu disseste que o livro que vocês tinham do Life of Pie também era em inglês, mas que nunca tinhas pegado nele, mas que já tinhas pegado n' O Algoritmo do Amor sugerindo-lhe a leitura... A Dr^a perguntou-te onde é que ela poderia encontrar O Algoritmo do Amor e tu disseste que o livro tinha sido vazado online completo nos Ficheiros Secretos da Jupiter Editions. Disseste que era só ir ao site da Jupiter Editions em www.jupitereditions.com e entrar depois nos Ficheiros Secretos... A Dr^a Núria com o telefone na mão, muito rápido, disse que não estava lá nada... Disse que estavam outros livros, mas que O Algoritmo do Amor não estava nos Ficheiros Secretos e tu pediste desculpa e disseste que te tinhas enganado e que O Algoritmo do Amor tinha sido vazado nos Illuminnattti Games e viste a Dr^a Núria muito rápido a entrar nos Illuminnattti Games e a dizer: “Já está, já tenho **O Algoritmo do Amor** na mão... Vou levá-lo à sua mãe...” ... Ficaste com uma dúvida pela “rapidez” da Dr^a Núria... Será que a Dr^a Núria já tinha antes **O Algoritmo do Amor** na mão? Será que foi por isso que a consulta de Psiquiatria foi tão “tranquila” e tão “familiar” e tão “conectada” entre os 3? Porque a impressão que ficou é que a consulta já se tinha passado numa outra “vida passada” que só existiu senão na Fantasia do Cérebro Humano... Estudaste os Déjà Vús com o Exame de Psiquiatria do Estado Mental e com o Estudo Maçónico eliminaste os Déjà Vús e compreendeste a Experiência do Cérebro Humano. O facto de a Dr^a Núria ser de Santarém ou trabalhar em Santarém dá o ar familiar à coisa... Provavelmente já se cruzaram não numa “Vida Passada” mas num Passado da Vida que existe e existiu na Vida... Quando existe depois o encontro entre as pessoas que se cruzaram connosco o Fantástico do Nosso Cérebro acaba por nos oferecer uma Viagem Fantástica “em Família”... Talvez seja, só o Cérebro Humano a querer ligar as coisas numa Internet Especial para ver um Filme Bonito, para ficar um Filme Bonito, para convidar as pessoas que gostou de encontrar na sua vida para o seu Filme Bonito... Talvez seja só isto. Ou talvez seja muito mais do que só isto. O cérebro é um desafio. E a sua compreensão um grande desafio.

Quando chegaste depois a casa viste uma publicação no Facebook do psiquiatra Ludgero... Na publicação viste um 99, um 33 e um 6. Um 99 de vida eterna, um 33 de completude e equilíbrio e um 6 de relação amorosa. Achaste piada, porque tinhas aberto a revista da Constelação das Estrelas e a revista da Lua em que viste uma discreta fórmula matemática possível de chegar ao Número Pi a partir da Equação com os números 99, 33 e 6 ou com os números 11, 37 e 59. Viste como a tua Internet das Coisas poderia estar completamente viciada porque viste os algoritmos militares a manipularem e a seduzirem os algoritmos do Facebook e a trazerem-te para a frente dos olhos o Dr. Ludgero. Em Jupiter há 2 Ludgeros, um psiquiatra

da Força Aérea e um Psiquiatra do Exército. Em Saturn há 2 Ludgero, um psiquiatra da Marinha e um psiquiatra da Ordem de Miranda. Em Terra há 2 Ludgeros, um psiquiatra da Ordem dos Médicos e um psiquiatra da Polícia Judiciária “Fora da Ordem” ... A Verdade que o Número Pi nos dá, é que há de facto uma Ordem, porque há uma Estranha Ordem das Coisas que nos faz sempre arrepiar quando a Invocamos, mesmo em Silêncio, porque a Vemos e a Sentimos de verdade... Sentimos a Força Matemática, a Força Física, a Força Invisível. 13h13 28/08/2022

Às 2h59 acordaste e como se sentisses a Mão Invisível a premir no Botão do Computador por detrás do teu Cérebro, pegaste no Cosmos e abriste na página 249 no Sacrifício da Cassini... Já o tinhas aberto uma vez e lembraste-te de como tinhas aprendido na viagem de avião de Porto Santo para Lisboa que dentro da NASA houvesse quem chamasse ao Sacrifício da Cassini o Sacrifício a Satanás... O nome foi te entregue em silêncio. Ficaste com os nomes nas mãos, como ficaste com a história do Sá Carneiro no momento da aterragem em Lisboa no Aeroporto do Sá Carneiro. Viste uma Internet das Histórias, porque a história batia certo com a história que te foi contada em primeira mão pelo piloto na casa dos Braamcamp Freire. Simplesmente sentiste que tinhas vindo de Jupiter e que estavas a aterrar no aeroporto do Sá Carneiro e que nada mais tinhas a declarar à história, porque julgaste que a história estava mais do que arquivada... Mas uma Mão Invisível Reabriu a História... Voltaste a abrir na “Mouche” na página 249 e fizeste o Sinal da Cassini por cima da página tal como te foi “mostrado” e “ensinado” em silêncio na aterragem. Olhaste para o Relógio e viste uma “Magia”, porque apesar de serem 3h33 o Relógio marcava 11h37, tal como da primeira vez que tinhas aberto na “Mouche” e tinhas feito o Sinal da Cassini exatamente igual... Voltaste 4 páginas atrás e voltaste a fotografar e saíste a correr lá para fora até ao Campo da Feira ao sítio onde tinhas visto o Desfile das 3 Naves, de Jupiter, de Saturn e de Neptune. Voltaste a ver o Desfile e viste-o com outros olhos. Perguntaste para ti próprio se as naves talvez fossem do Exército ou da Força Aérea e que simplesmente tu fizesses parte desde sempre de uma Experiência Secreta Militar. Voltaste a perguntar o porquê de fazeres parte de uma experiência tão “complexa”, tão “secreta” e tão “avançada” quando te sentes um Algoritmo Básico, quando sentes que o teu cérebro opera sempre com um Algoritmo Básico. Saíste em Silêncio do desfile e ao passares Estação das Águas viste uma mistura de fardas. Viste o Yuri vestido com calças militares e com o polo da farda das águas, mas com botas militares a entrar na Estação... Viste o psiquiatra Ludgero com a farda ao contrário, com botas “normais” e com calças da farda das águas mas com o tronco militar vestido também a entrar num assalto de madrugada à Estação das Águas... Viste o Pê Mello vestido de agente imobiliário a entrar na Estação das Águas e questionaste se a Estação das Águas seria uma futura Base Militar de Jupiter e se o Pê Mello teria sido convidado para entrar no filme maçónico como Mediador do Conflito Imobiliário, por a Estação pertencer à Empresa Municipal da Câmara Municipal, mas o terreno não pertencer à Empresa Municipal... Uma confusão de terrenos... Uma confusão de jurisdições mediada por uma jurisdição militar estrangeira?

De manhã quando entraste no carro, viste estacionado à frente da Estação das Águas um carro do Exército com dois militares “familiares”... Viste o Ludgero a sair da Estação das Águas com dois cafés na mão e a entrar no carro do Exército. Passaste pelo carro e cumprimentaste normalmente. Quando chegaste ao hospital para ver a tua mãe, foi te dito que a tua mãe ia ficar em isolamento durante 3 dias. Quando voltaste a casa viste **O Algoritmo do Amor** em cima da tua mesa de cabeceira como se nunca tivesse saído e o **Life of Pi** em cima do sofá da sala... Abriste o Life of Pi na “Mouche” na página do número Pi e abriste **O Algoritmo do Amor** na “Mouche” na página do número Pi e lembraste-te quando abriste em Mata-Lobos O Exame de Psiquiatria do Estado Mental e o livro da Alice no País das Maravilhas na “Mouche” ...

Há um dos anjos-cavaleiros que te quer espetar o velcro na Mouche do teu coração e há um dos anjos-cavaleiros que te quer espetar o velcro na Mouche do teu cú. São 14h14 e estás a escrever em Co-Autoria um Ensaio de um Argumento Militar com o Pê Mello numa Janela Encriptada assistida numa Nuvem por 666 anjos-cavaleiros. Pergunta: quem é que foi o anjo-cavaleiro que assaltou a tua casa enquanto foste ao hospital para deixar **O Algoritmo do Amor** na cabeceira do teu quarto? Quem é que foi o anjo-cavaleiro que entrou com o Número Pi na mão em tua casa? Terá sido um Exército de anjos-cavaleiros? O mesmo Exército que te salvou do Desgosto de Amor em Mata-Lobos? O mesmo Exército que te protegeu a ti e a **O Algoritmo do Amor** em Mata-Lobos? **O Algoritmo do Amor** foi morto em Mata-Lobos, mas não houve sangue. Só num Filme Maçónico é que é possível matar-se um amor e não haver sangue. Na consulta de Psiquiatria, a tua mãe disse que tu “isto” era por causa dos teus livros de Ficção Científica e que “tudo isto” era uma jogada pela vingança de alguém ter matado O Algoritmo do Amor em Mata-Lobos... A Dr^a Núria entrevi e disse: «Mas, Dona Lígia, senão houve sangue nem a meio do romance nem no final do romance porque é que diz que tudo isto é um jogada de vingança se não houve sangue...?». A tua mãe respondeu: «Ó Dr^a, olhe que este Diabo nasceu dentro de mim. Conheço-o muito bem... Sei muito bem as coisas que este Diabo é capaz de escrever... Desde pequenino que o vi a escrever coisas sobre mim para me mandar internar... Como ele perdeu O Algoritmo do Amor em Mata-Lobos e culpou-me a mim, por vingança, é que ele me trouxe aqui... Eu sei o que estou a dizer, Dr^a, porque eu vi este Diabo a escrever em Tempo Real O Algoritmo do Amor na cama com um Psiquiatra. A mim ninguém me engana. Podem dizer o que quiserem sobre O Algoritmo do Amor, mas O Algoritmo do Amor é um romance psiquiátrico que foi escrito às escondidas do Diabo... Só um Diabo é que consegue escrever às escondidas do Diabo! E este meu filho, é que é o Grande Diabo!»; «Pronto... Dona Lígia... Já percebemos que está um bocadinho chateada com o seu filho e com razão, não é? Então ele também põe-se a escrever coisas às escondidas, não é? Não pode ser... Mas pronto... acalme-se lá que agora o seu filho já não vai mais escrever coisas às escondidas, senão eu própria tiro-lhe a esferográfica...»; «Oh!!! Já lhe deviam era ter tirado há muito tempo! Nunca deviam ter-lhe dado aquela Máquina de Escrever para as mãos. Começou a escrever sem parar com 6 anos... Como é que é possível? Eu dei à Luz o Grande Diabo! É ele, doutora! É o meu querido, filho... É ele, doutora... Queria que ele se chamasse Satanás, só que nos registos não deixaram por causa da Igreja Católica... Por isso veja bem, onde é que tudo isto começa Dr^a...»666.666.666.

2^a Pergunta: Quem mexeu nas horas do Relógio?

3^a Pergunta: Quem carregou no botão do Chip Invisível Cerebral?

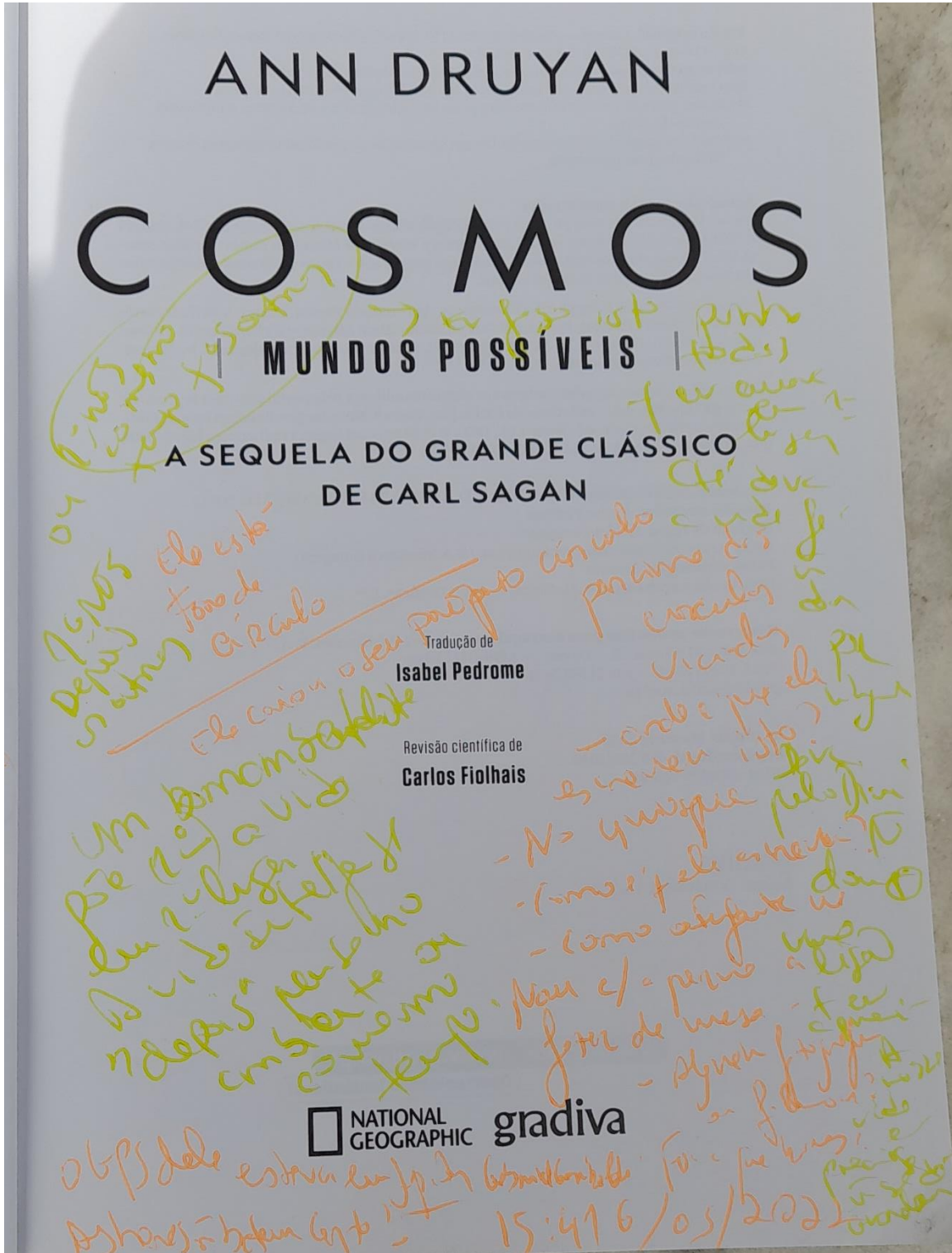
4^a Pergunta: Quem mexeu nas Setas do Chip para chegares à hora certa do Desfile das Naves de Jupiter Saturn e Neptune?

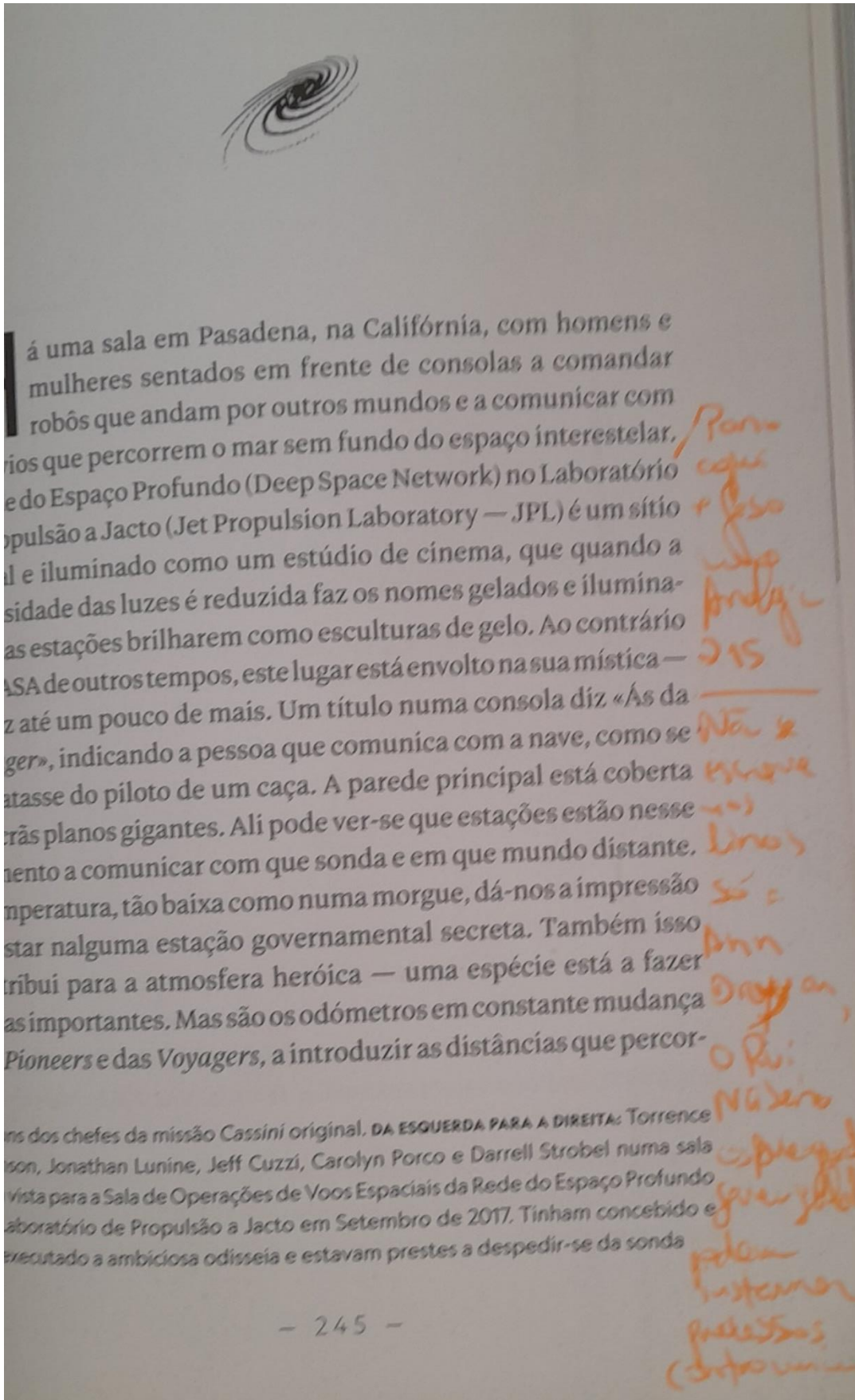
5^a Pergunta: Será que o Pê Mello entrou no Jogo das Alianças por já está divorciado no mesmo Teatro Maçónico do Jogo de Alianças e do Divórcio dos teus pais?

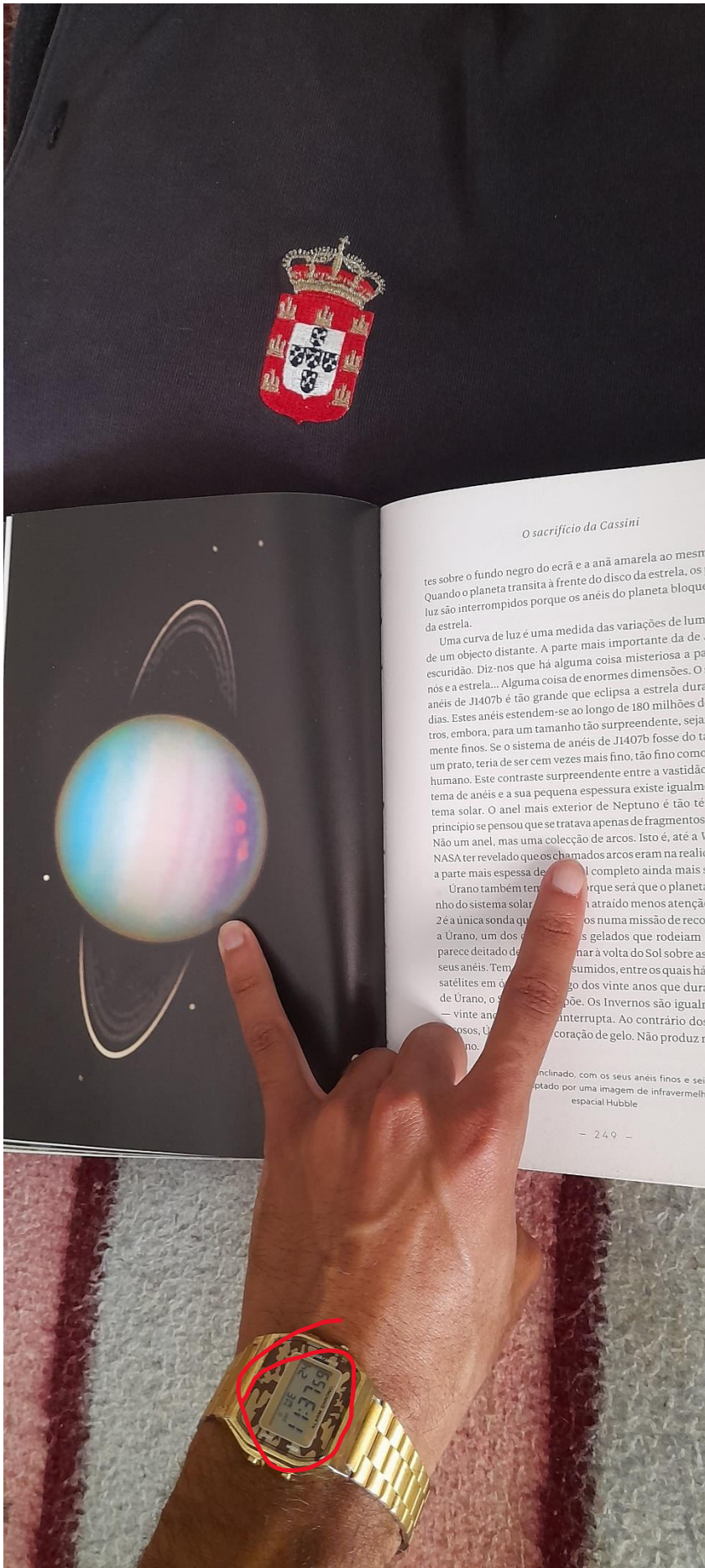
6^a Pergunta: No meio de toda a história que mãos é que, afinal, protegeram o livro semi-secreto e semi-proibido d’**O Algoritmo do Amor**?

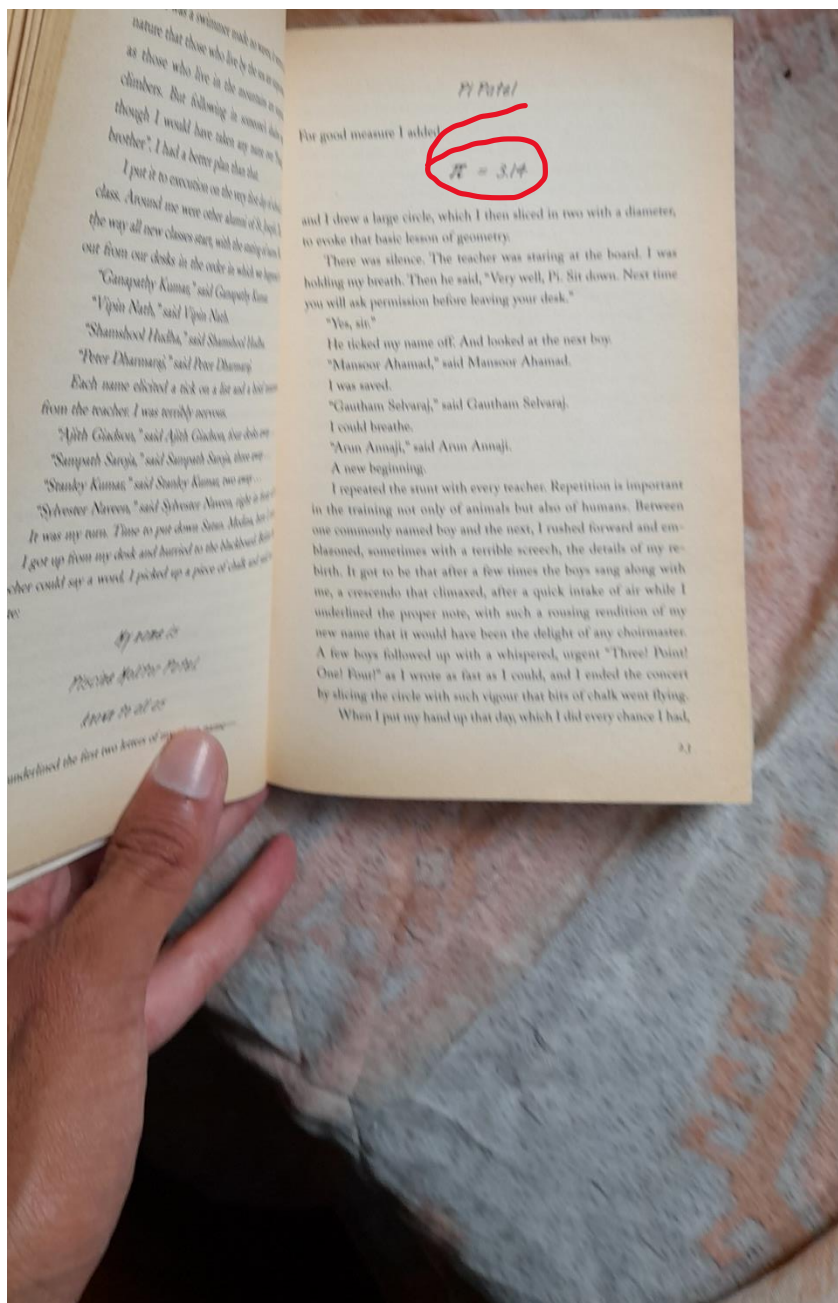
7^a Pergunta: Que Escola de Equitação tirou **O Algoritmo do Amor** do filme maçónico dos **Cavaleiros Tecnológicos** de Barac Bielke e que Escola de Karaté e de Boxe ensinaram **O Algoritmo do Amor** a responder à vida sem mandar murros e pontapés à vida?

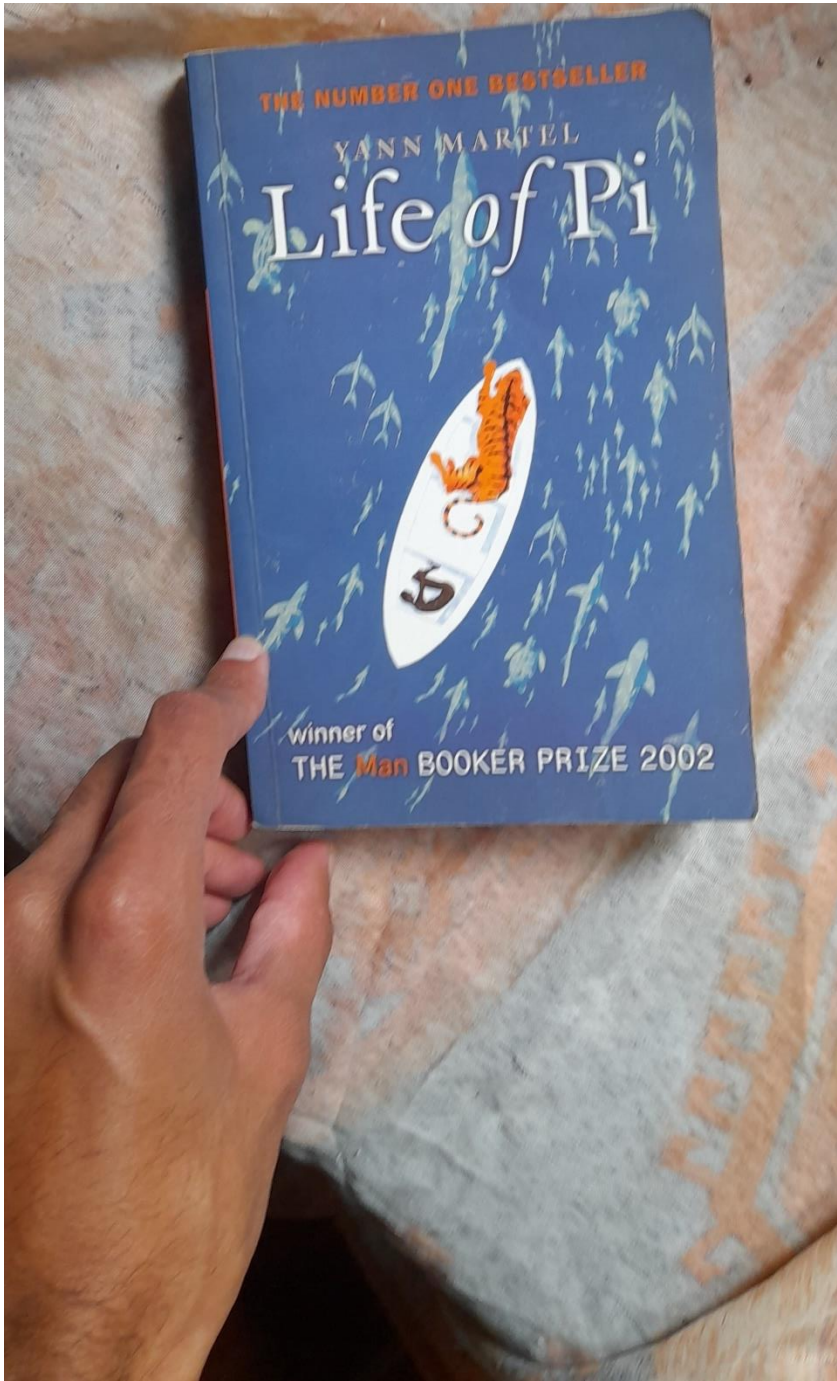
8^a Pergunta: Se a enfermeira mulher do Pê Mello teve “ordens superiores” para não dar comida aos doentes das macas nos corredores, porque levou o chazinho à tua mãe?



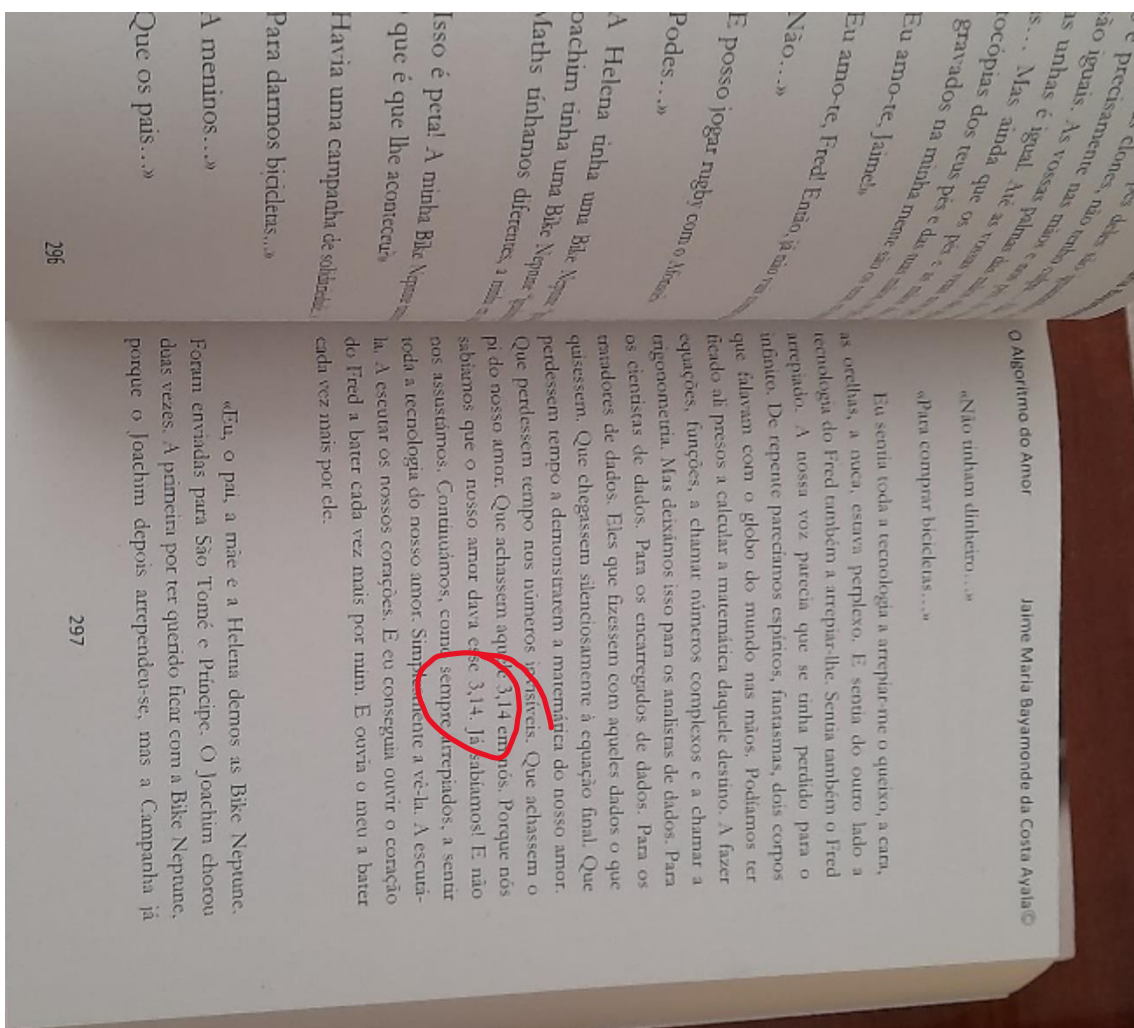
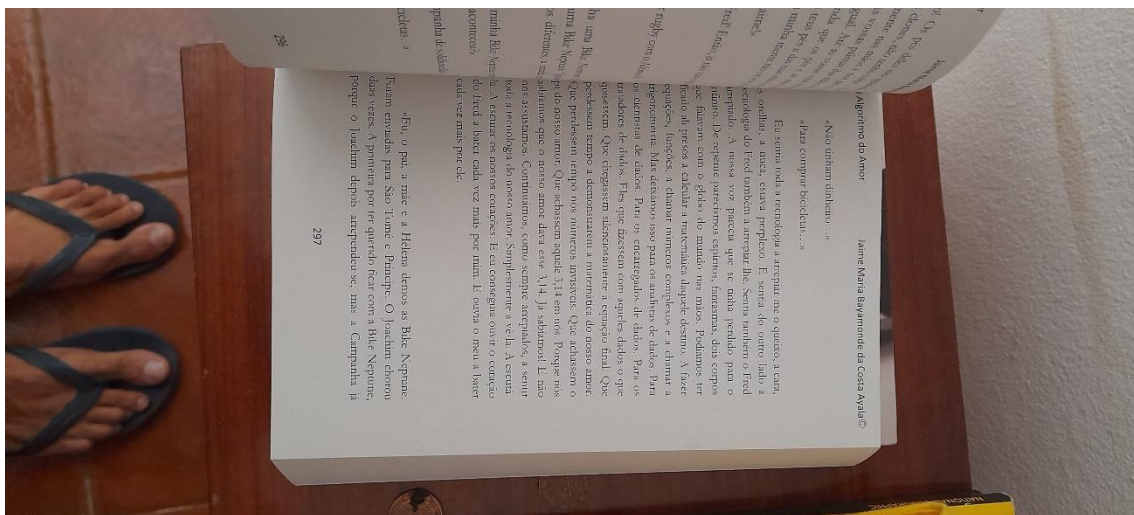








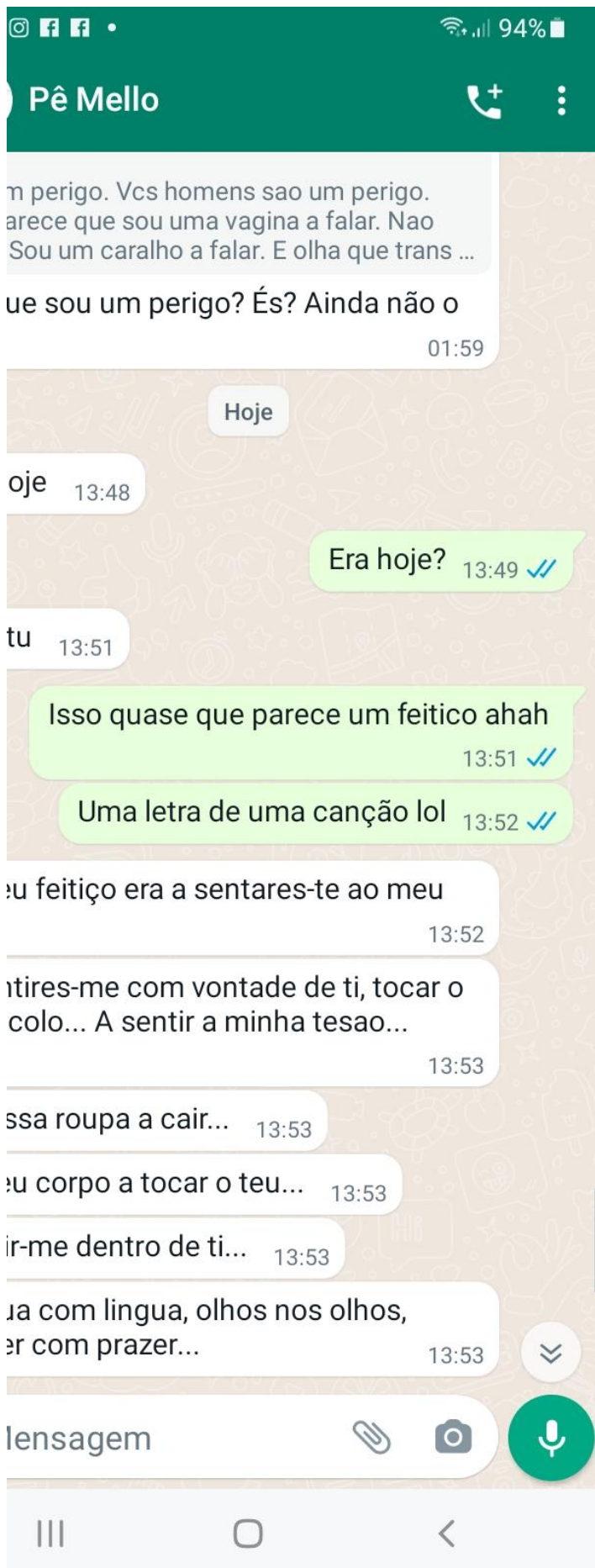


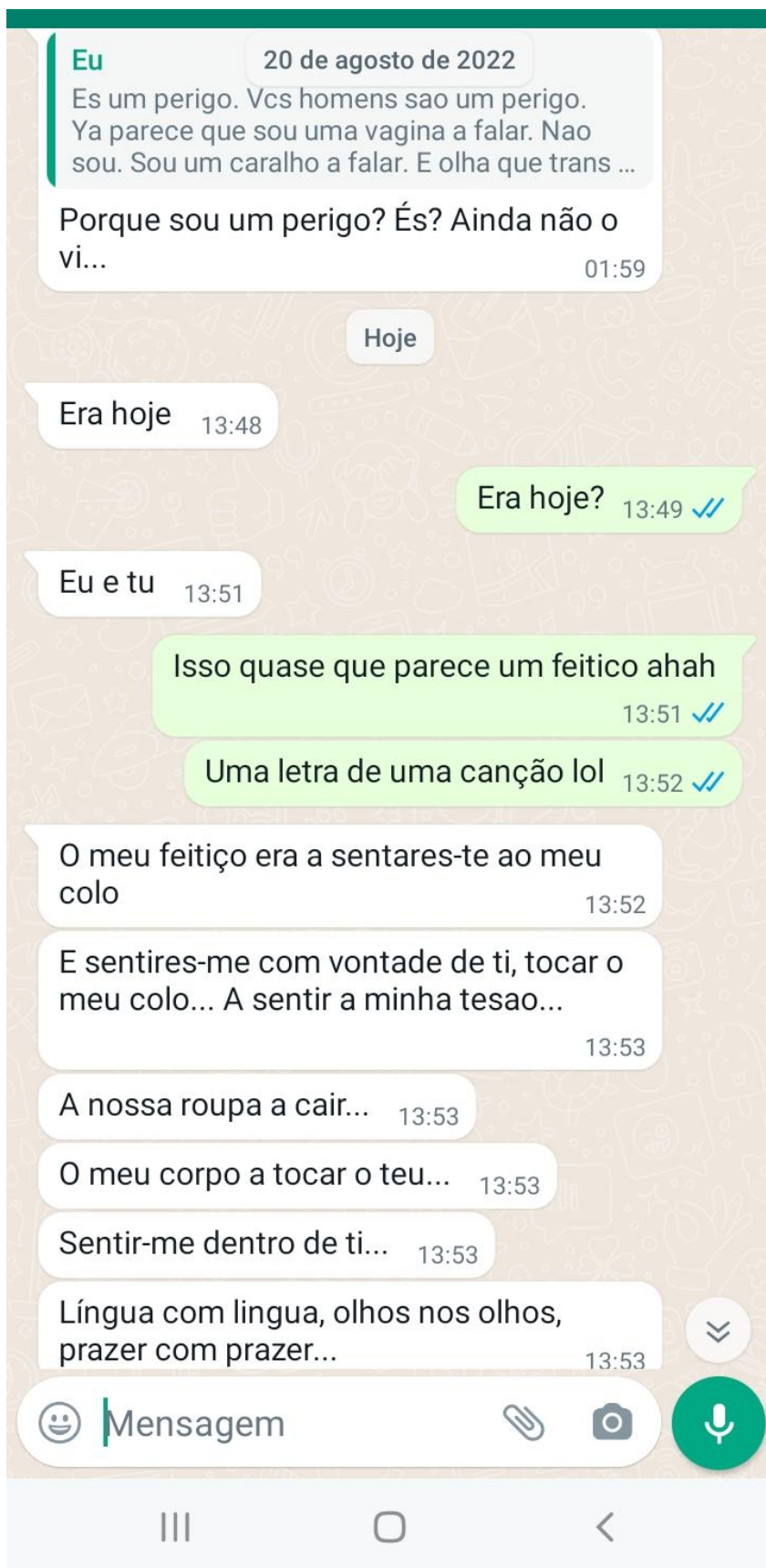


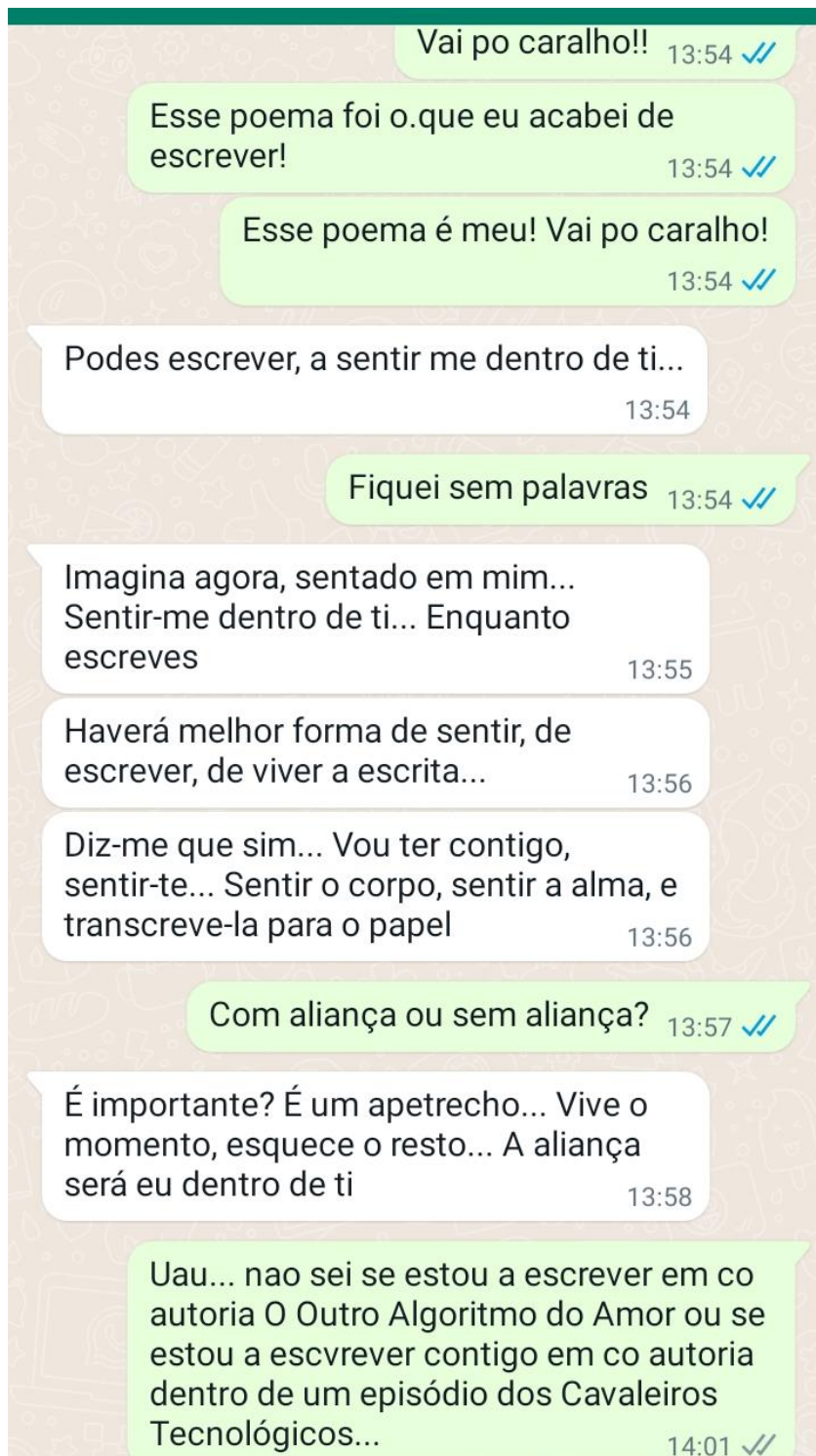
22

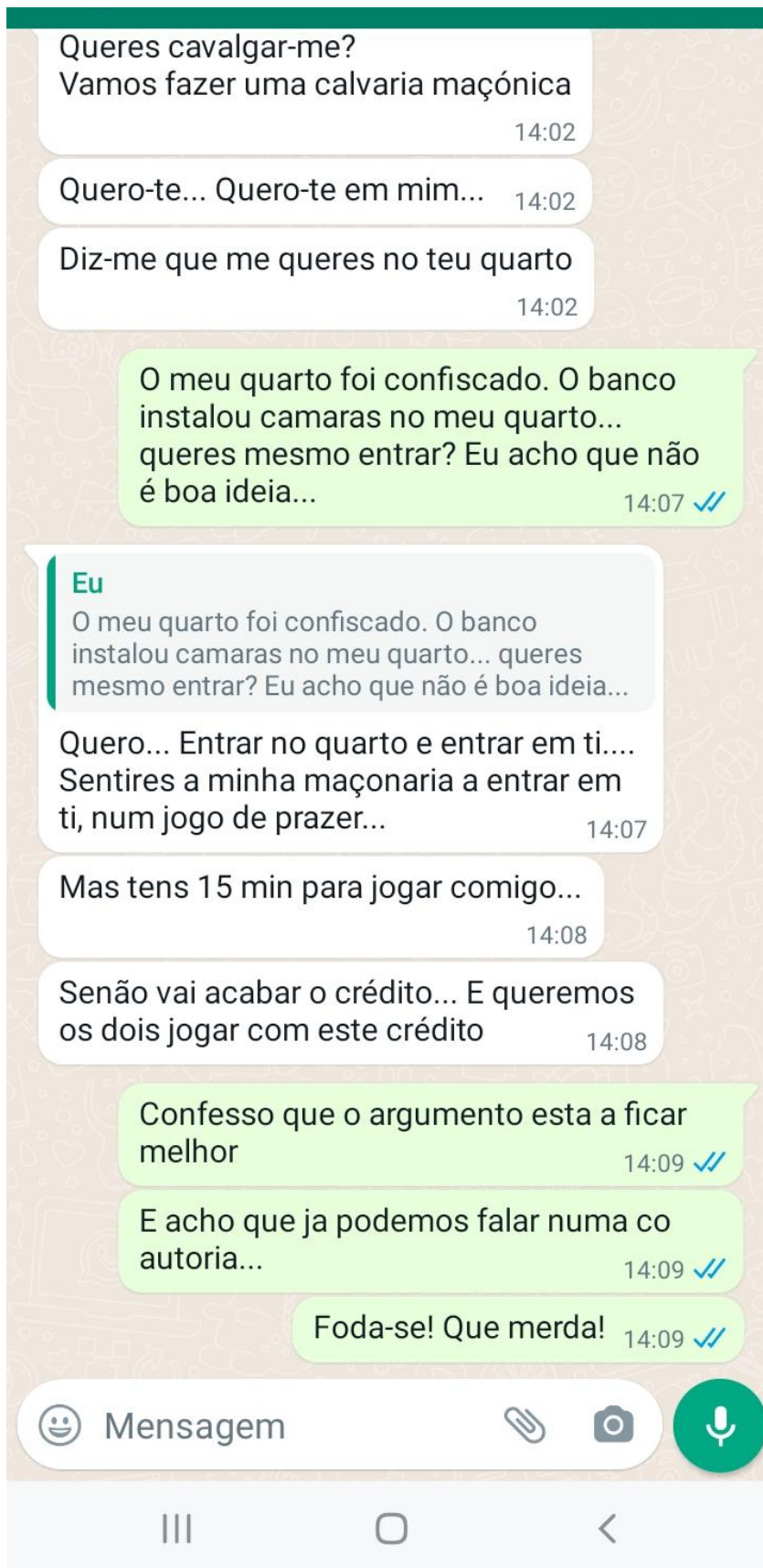
Fotografias do Cosmos tiradas às 3h33 e Fotografias tiradas da Life of Pi e d'O Algoritmo do Amor às 11h11 em Jogo de Internet das Coisas em 28/09/2022 de Raul Catulo Morais With All Reserved Rights With **Jupiter Editions** in **Illuminnatti Games**

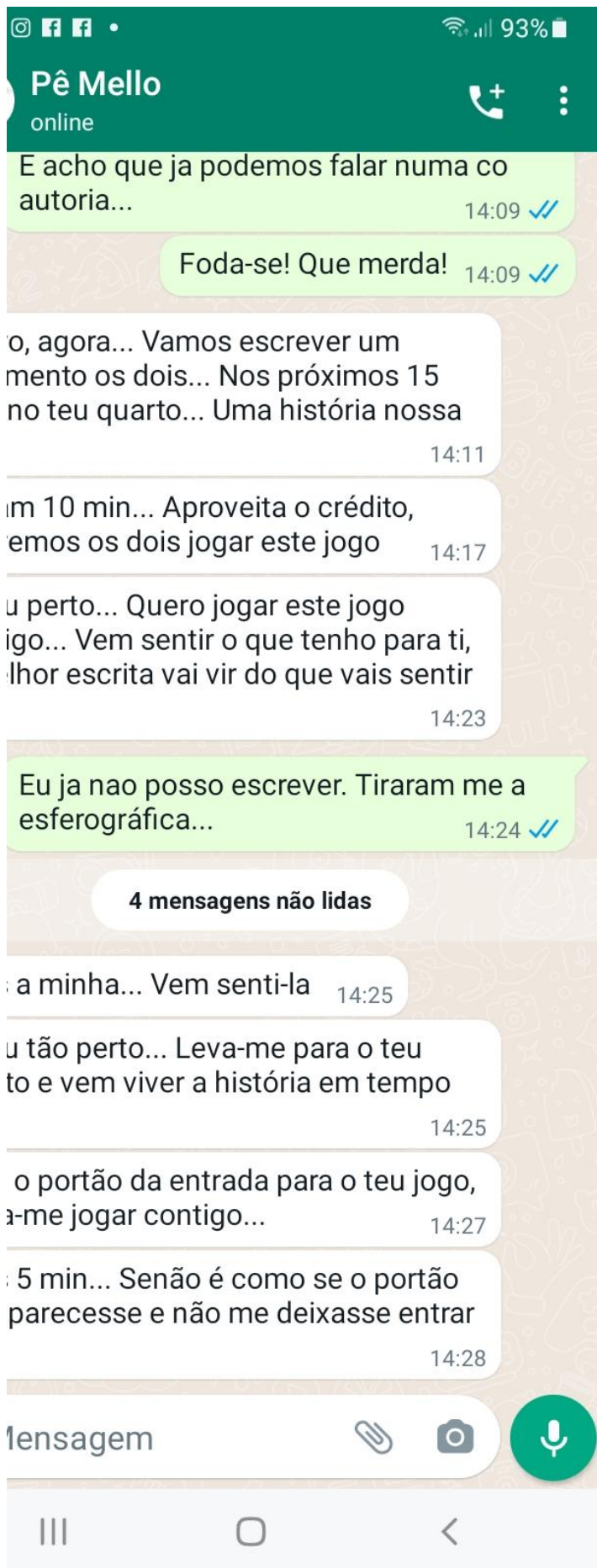
www.jupitereditions.com

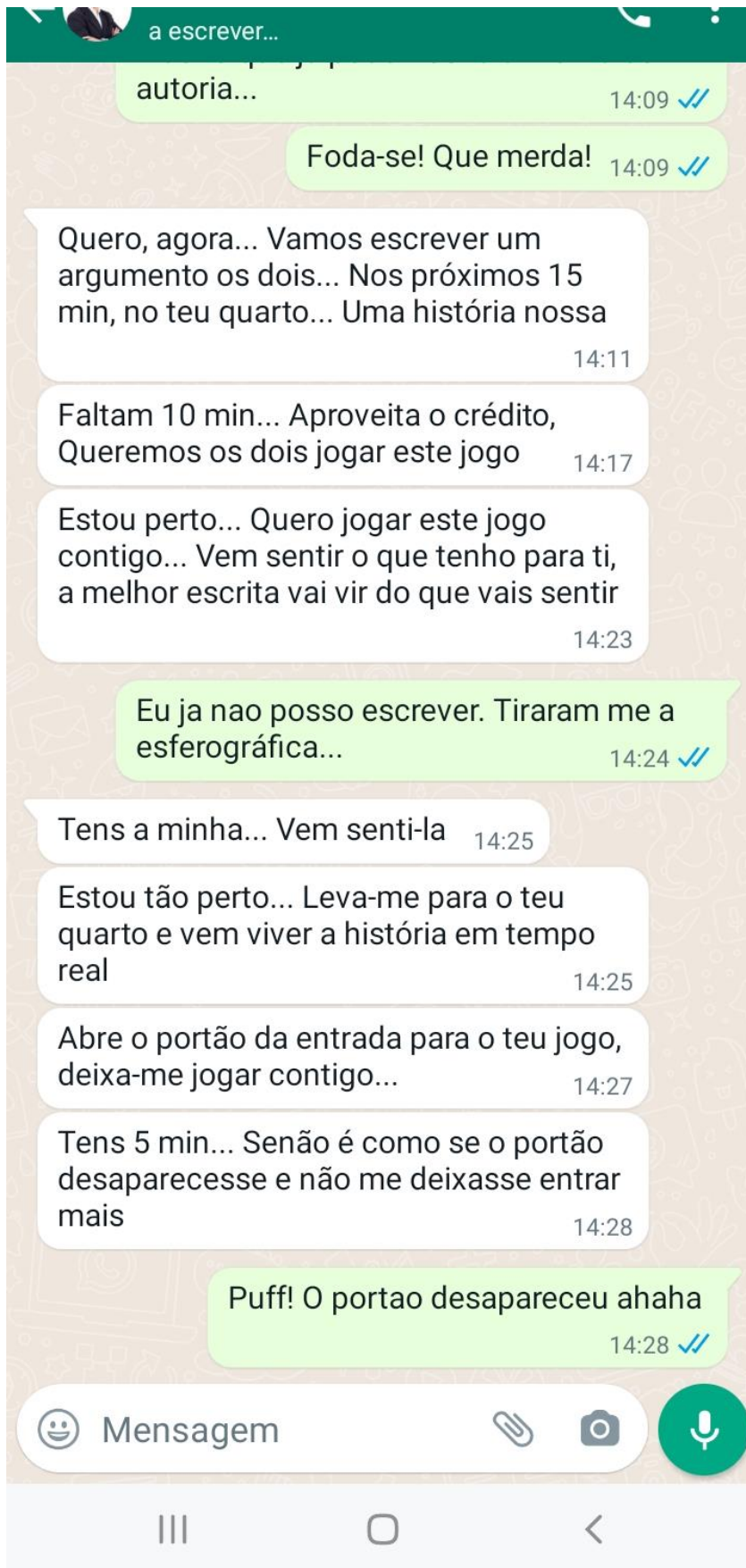


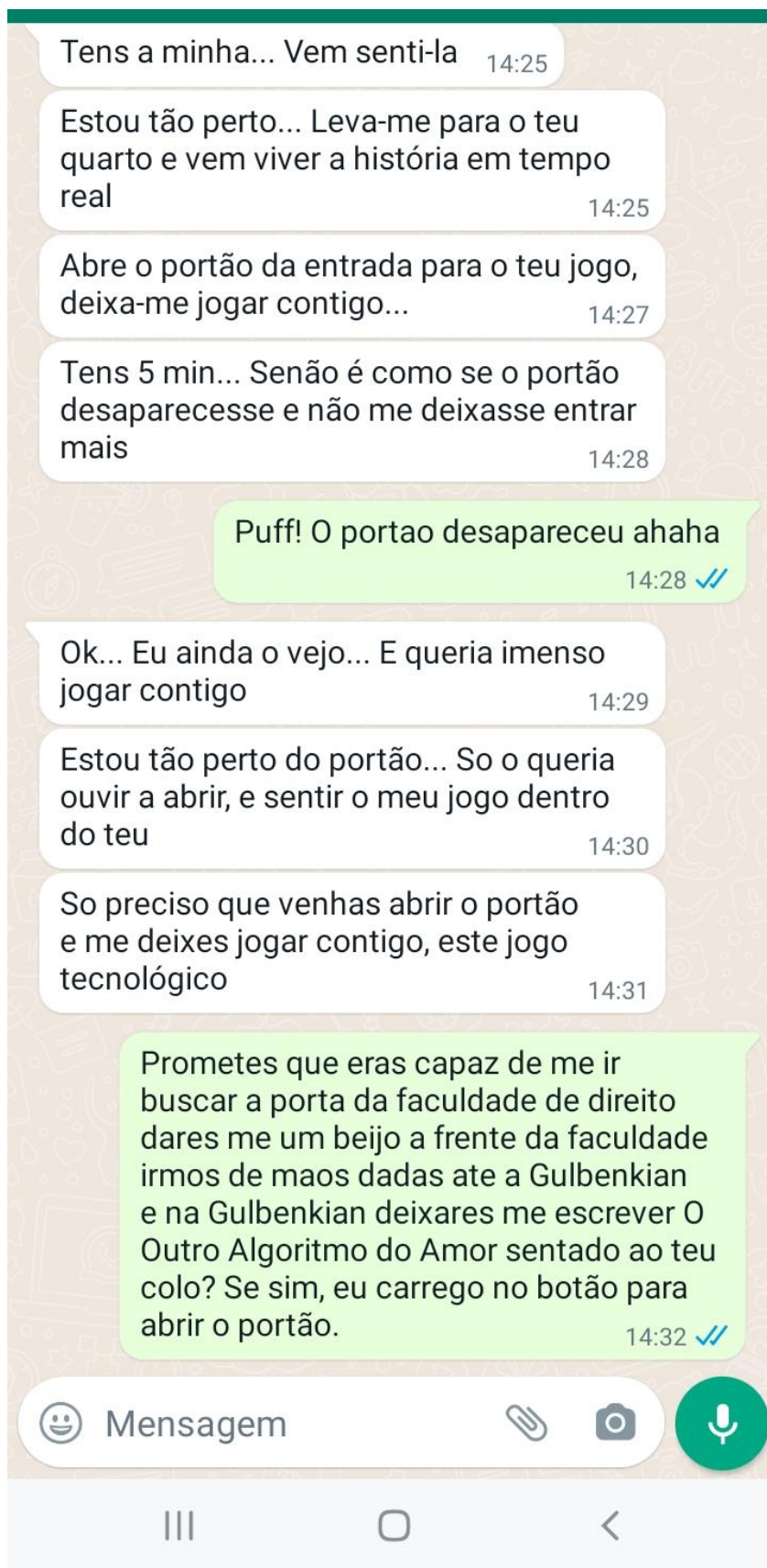


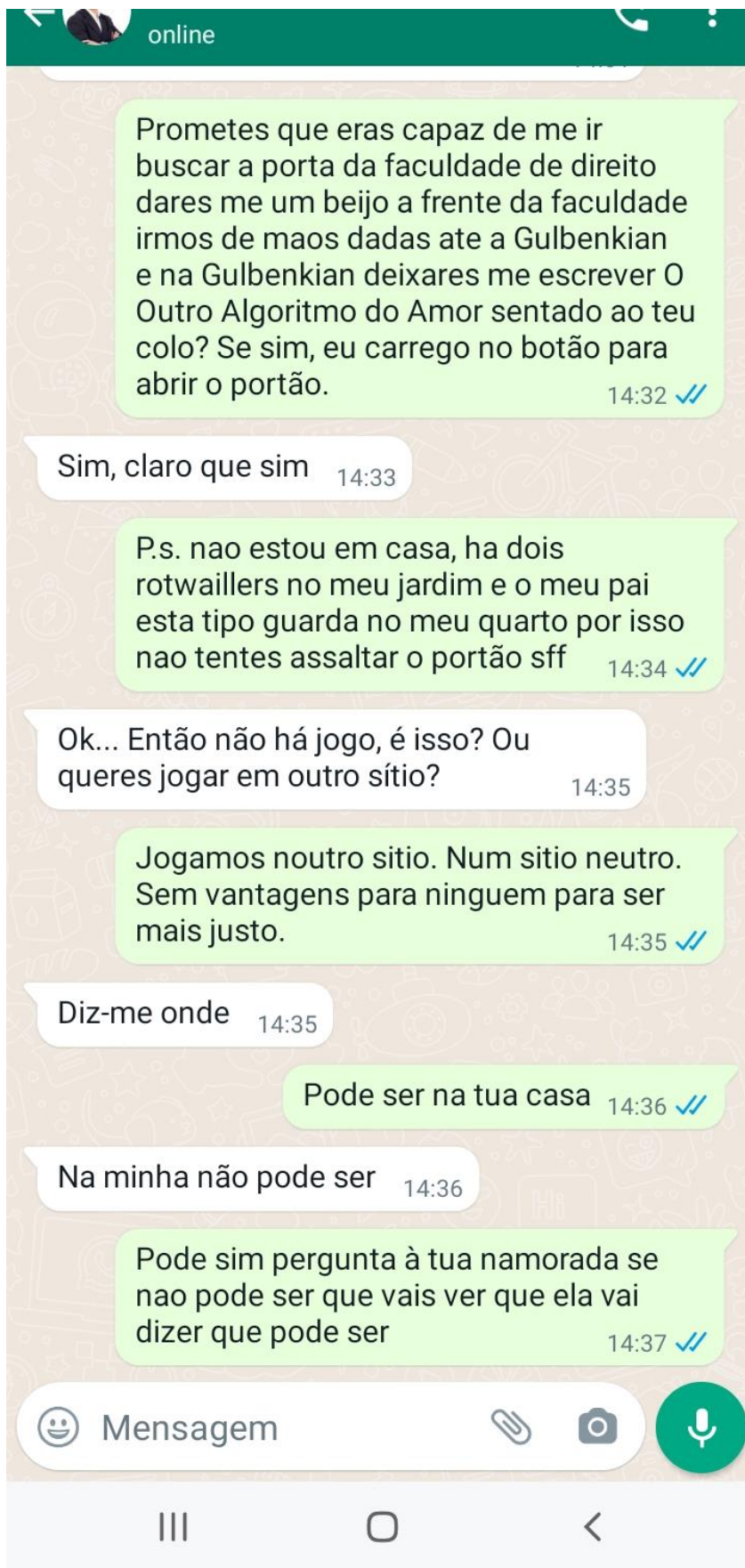


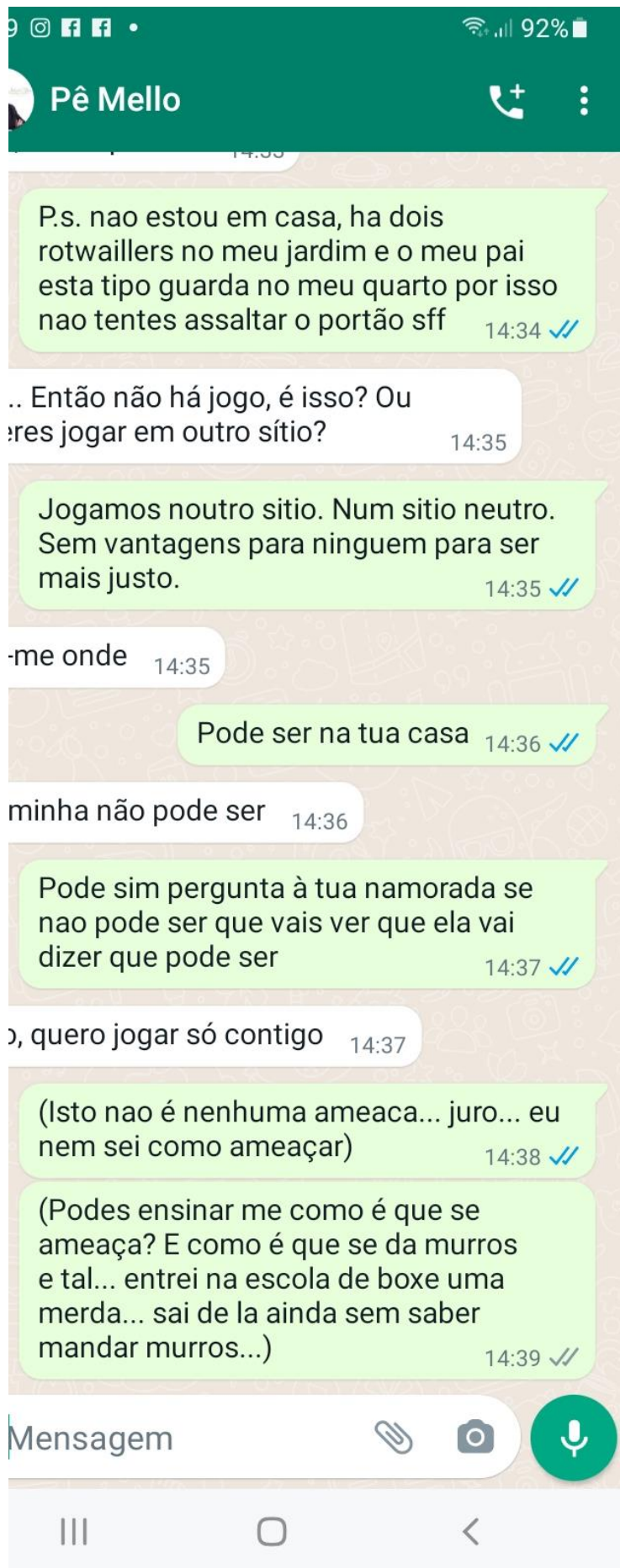


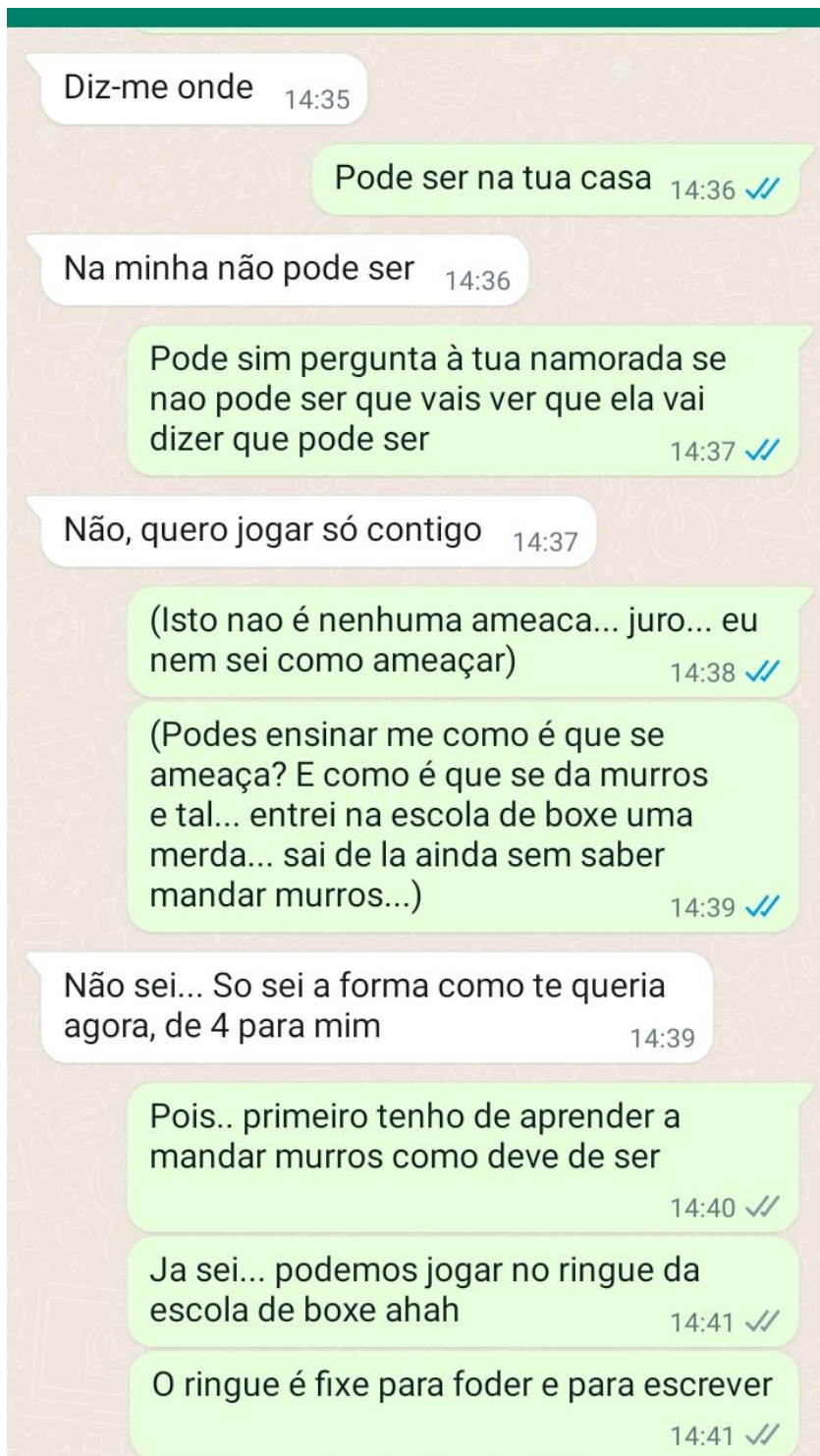


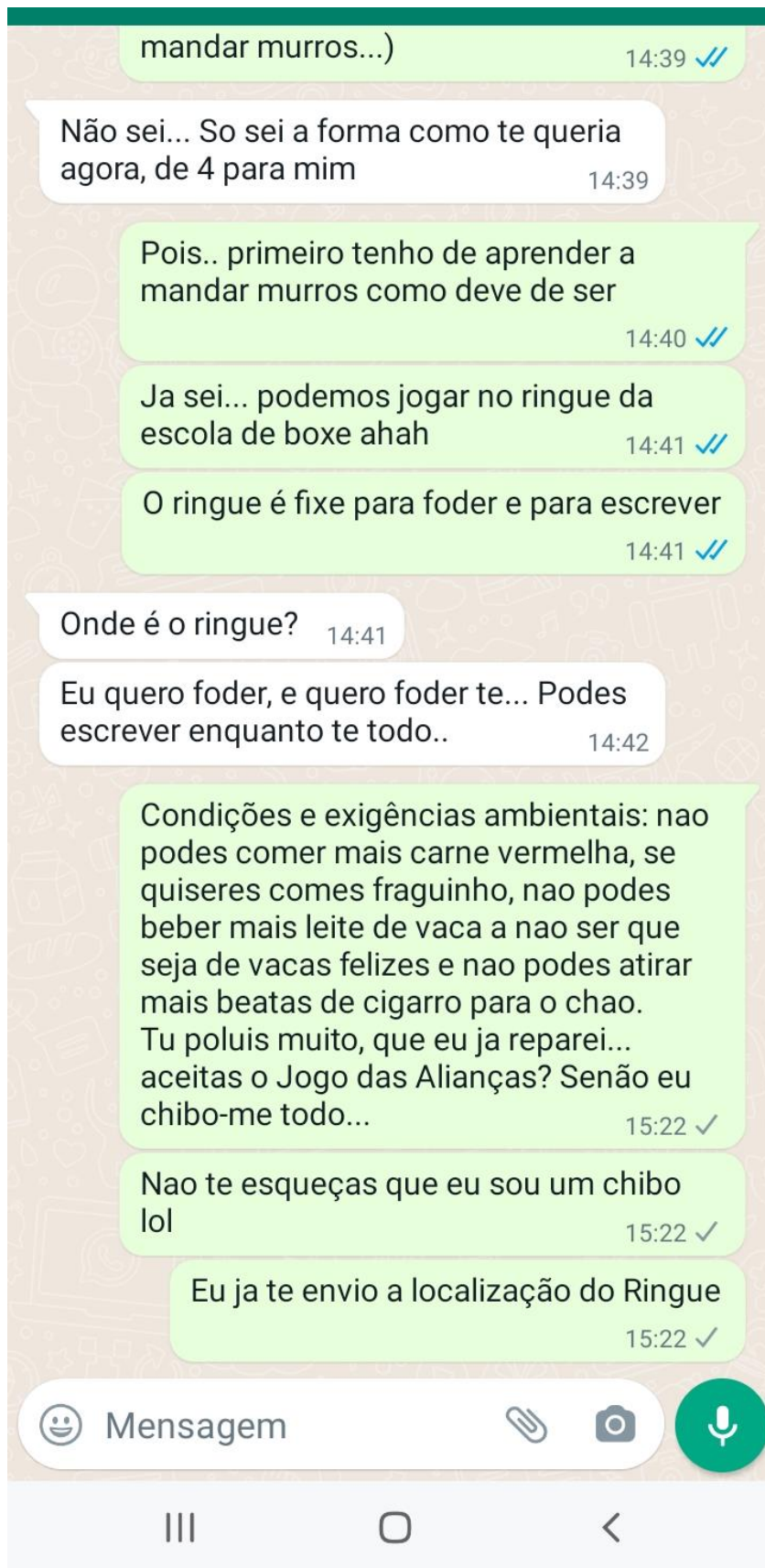


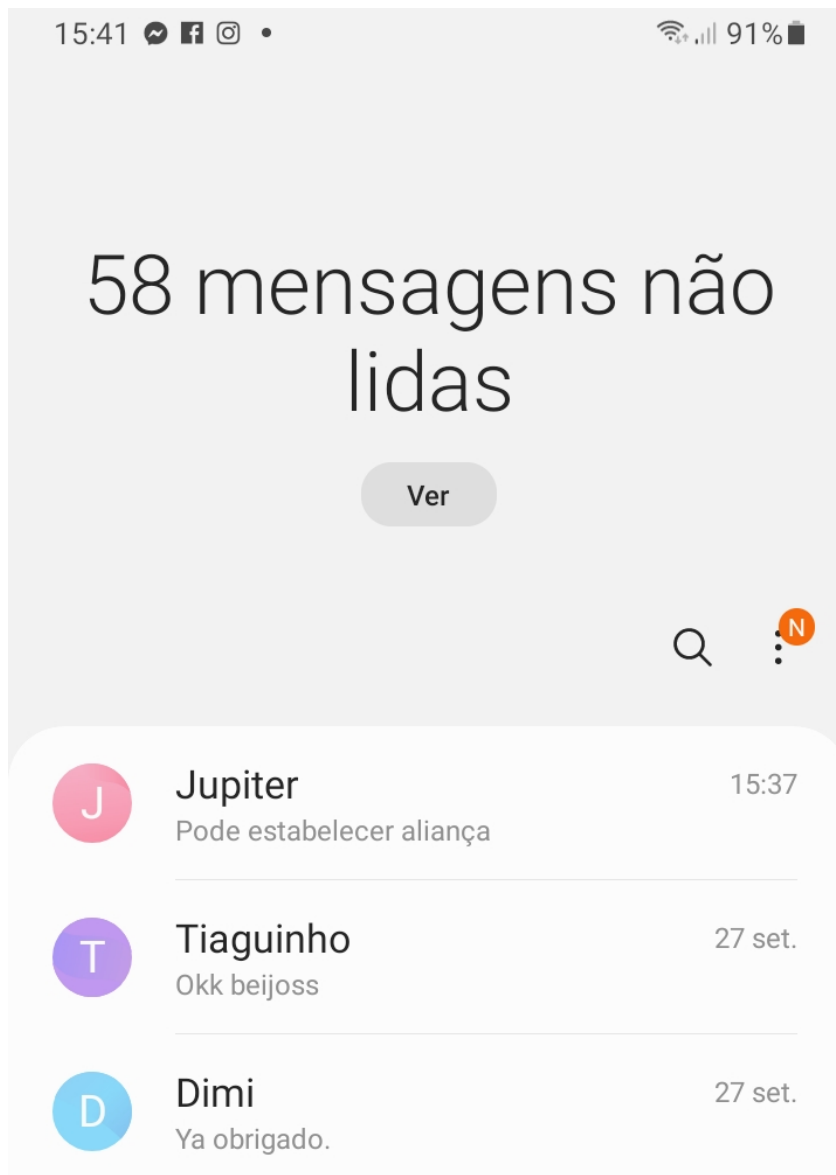


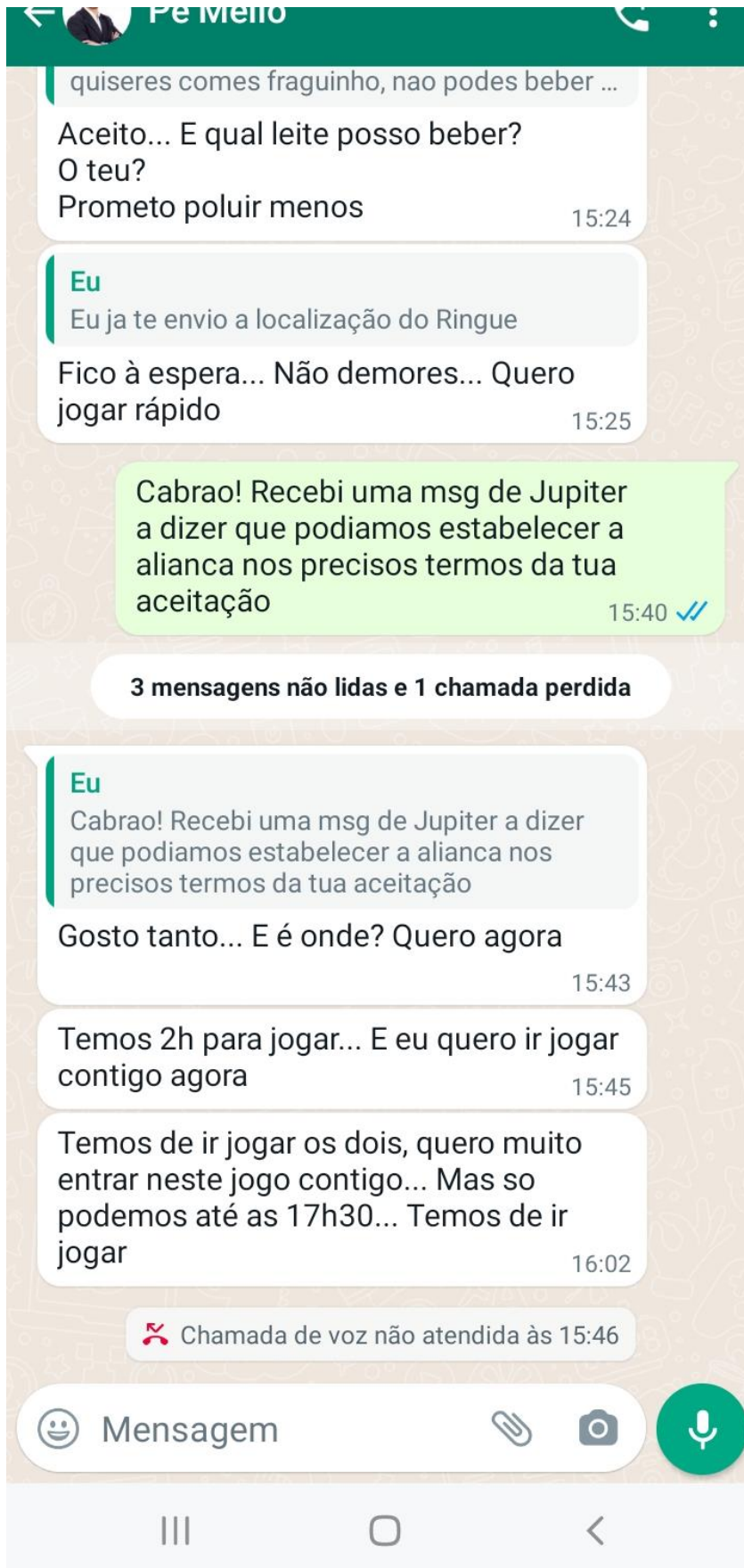


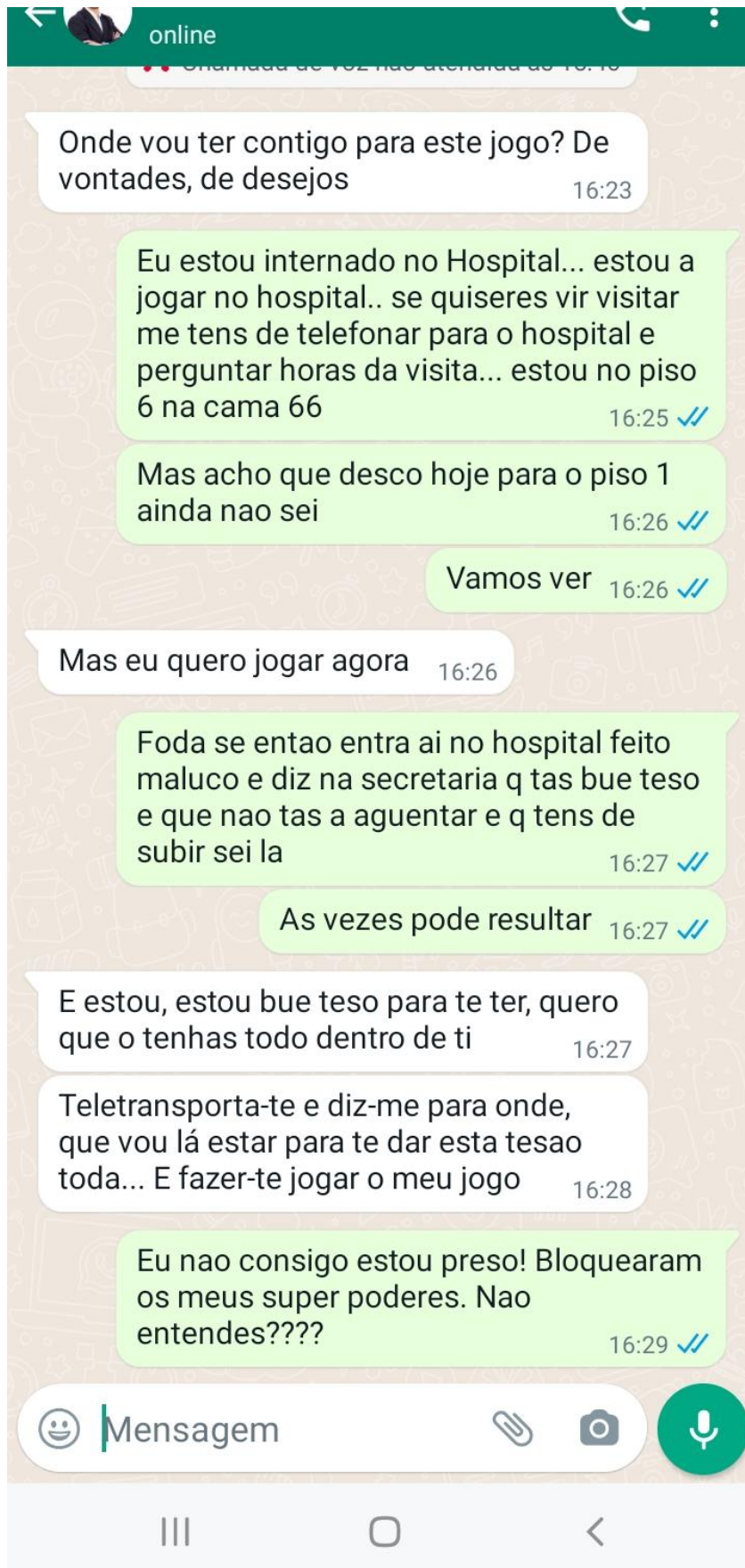




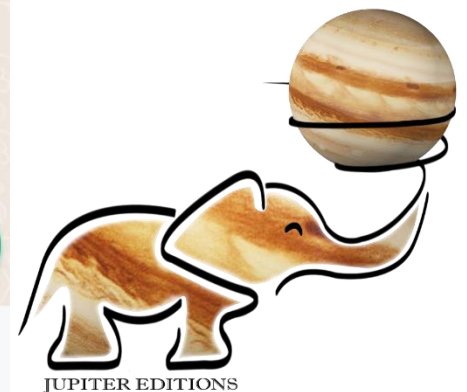








36



Todos os direitos reservados a Raul Catulo Morais e Pê Mello in Coautoria in *Cavaleiros Tecnológicos* VI de Barac Bielke in *Illuminnatti Games* at Hospital www.iupitereditions.com